

INFORMAÇÃO DE CONSULTA

Este é um capítulo da obra

2001, **Teixeira, José A** **VERBALIZAÇÃO DO ESPAÇO: Modelos mentais de *frente/trás***, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (Colecção Poliedro), Braga, (ISBN 972-98621-4-1).

Na sua totalidade, a referida obra é constituída, aqui, pelas seguintes partes:

- A Verbalização do Espaço -Cap. I: Para uma fundamentação da Semântica Cognitiva
- A Verbalização do Espaço -Cap. II: O homem e o(s) seu(s) espaço(s)
- A Verbalização do Espaço -Cap. III: Localização e orientação intrínseca
- A Verbalização do Espaço -Cap. IV: Modelos mentais dos marcadores *frente/trás*
- A Verbalização do Espaço -Cap. V: *Frente/trás* e outros marcadores
- A Verbalização do Espaço -Cap. VI: Organização morfo-semântica de *frente/trás*
- A Verbalização do Espaço -Cap. VII: O espaço do Tempo: *frente/trás* e a temporalidade
- A Verbalização do Espaço -Cap. VIII: Conclusões e Bibliografia

ÍNDICE

- 4. **MODELOS MENTAIS DOS MARCADORES *FRENTE/TRÁS***
- 4.1. Configuração frontal e observador
 - 4.1.1. Configurantes observantes e não observantes
 - 4.1.2. A atração das configurações deíticas ou observantes
 - 4.1.3. O observador e a equivalência [direita]⇒[frente]
- 4.2. Os modelos de *frente/trás*
 - 4.2.1. Alguns dados da(s) experiência(s)
 - 4.2.2. Os modelos estáticos
 - 4.2.2.1. O modelo original
 - 4.2.2.2. O modelo da orientação situacional em espelho
 - 4.2.2.3. O modelo da visibilidade
 - 4.2.2.4. O modelo do encaramento
 - 4.2.3. O modelo dinâmico
 - 4.2.4. Movimento e antonímia configurativa
 - 4.2.5. Implicações semânticas da estruturação dos modelos da frontalidade

4. MODELOS MENTAIS DOS MARCADORES *FRENTE/TRÁS*

4.1. Configuração frontal e observador

4.1.1. Configurantes observantes e não observantes

Ao configurar-se uma localização e entre os elementos que se tomam para dela fazerem parte, uma das primeiras opções é a escolha do elemento relativamente ao qual a situação irá ser configurada.

Como cada acto linguístico implica necessariamente falantes humanos, classicamente numa relação de LOC(utor)-ALOC(utário), uma das possibilidades é serem os próprios falantes a servirem de referência. A esta perspectiva, quando o LOC é o elemento Configurante relativamente ao qual as localizações espaciais são feitas, costuma dar-se o nome de **perspectiva deíctica**.

Assim, as relações espaciais configuradas pelos localizadores *frente/ trás* implicam pelo menos dois elementos configurativos que designamos **Figura** (Fg) e **Configurante** (Cfg)⁽¹⁾. A Figura é o elemento a localizar e o Configurante o elemento localizador, ou seja, o elemento em relação ao qual se faz a localização (figura 1).

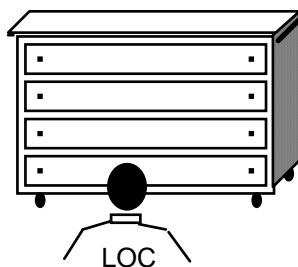


Figura 1

- 1) Eu estou em/à frente do móvel.
(Eu=LOC=Fg; móvel= Cfg)
- 2) O móvel está em/à frente de mim (à minha frente).
(Móvel=Fg; Eu=LOC=Cfg)

⁽¹⁾ Como justificação da escolha desta terminologia em detrimento de várias outras que também existem, ver 3.4.

Mas se em exemplos como o anterior não há qualquer dificuldade em detectar os dois elementos da configuração, por vezes parece ser obrigatório admitir mais que dois:

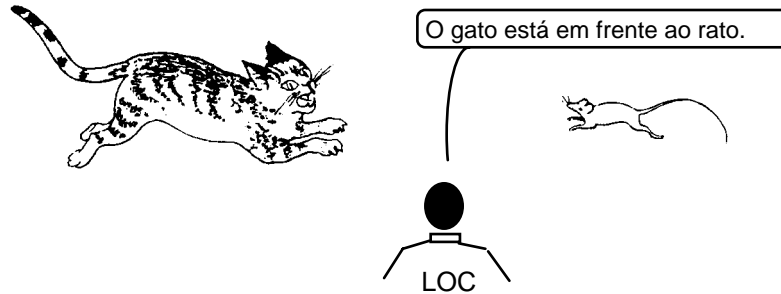


Figura 2

Esta situação inclui três elementos: o gato, o rato e o LOC que a observa e descreve.

No entanto, o que se constata é que as relações espaciais estabelecidas entre os elementos em causa (que aqui são apenas dois) são independentes do locutor e **da respectiva localização relativa**. Na realidade, a frase que descreve a cena seria sempre válida ainda que o LOC rodasse continuamente pelo espaço envolvente. Por conseguinte, desde que não seja ele mesmo a Fg ou o Cfg, o LOC não tem qualquer interferência nesta configuração espacial. Não são, portanto, estes localizadores "egocêntricos" relativamente a um LOC.

O falante pode, portanto, optar por se servir de um objecto presente na situação como ponto de referência: ou porque, no eixo da frontalidade, reconhece no objecto uma configuração antropomórfica que lhe permite identificar a respectiva "cara" ou *frente* (um cão, um gato, um rato, um carro, uma cadeira), ou porque o objecto a adquire situacionalmente (uma árvore, uma mesa, uma parede). A esta perspectiva dá-se o nome de **intrínseca** ou **inerente**.

Segundo Miller e Johnson-Laird (1976) o perspectiva deíctica é psicologicamente mais primitiva e mais simples. A intrínseca, que multiplica os possíveis objectos-referência, será mais complexa, já que pode gerar facilmente mais equívocos. No entanto, para muitos outros, como Levelt⁽²⁾ ou Ullmer-Ehrich (1982) não se pode dizer que uma perspectiva seja mais fácil ou mais complexa que a outra. Várias experiências feitas demonstram que a adopção da perspectiva depende muito, entre outros factores, da organização discursiva.

As referidas perspectivas são vistas, assim, classicamente, como distintas e nitidamente alternantes. Vejamos, porém, com mais atenção aquilo que as distingue.

(2) W. J. M. Levelt, 1986, "Zur sprachlichen Abbildung des Raumes: Deiktische und intrinsische Perspective" in H. G. Bosshardt (ed.), *Perspektiven auf Sprache. Interdisziplinäre Beiträge zum Gedenken an Hans Hörmann*, De Gruyter, Berlin.

Cifuentes Honrubia liga a perspectiva deíctica à existência de um observador:

en la perspectiva deíctica la relación espacial designada por una preposición está ligada a la orientación visual de un observador que sirve como punto de referencia para la localización de los objetos. La localización del hablante también puede usarse como punto de vista, aunque parece mucho menos frecuente. De igual manera, son posibles otras localizaciones que las del hablante u oyente como perspectiva (*el restaurante está a la izquierda del Ayuntamiento visto desde la playa*), pero con estos poco frecuentes usos simplemente estamos en casos de deíxis fantasmagórica o representacional. (Cifuentes Honrubia 1996:32)

Isto implica, portanto, que para que haja perspectiva deíctica tem que haver um observador. Pode ser o LOC, o ALOC ou, como explicitamente refere Cifuentes Honrubia, um observador fora da situação de comunicação, como é o exemplo da localização do restaurante visto da praia.

Imaginemos, contudo, uma situação como a da figura 3:

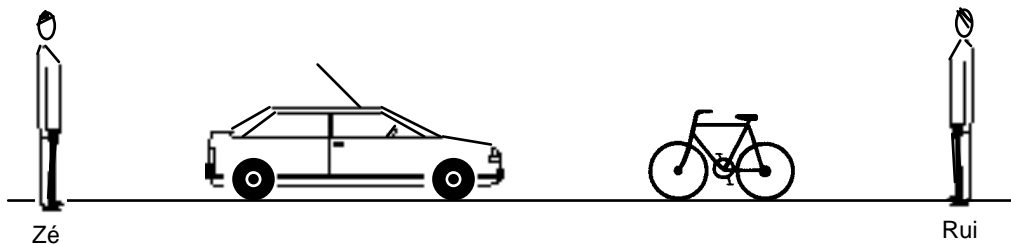


Figura 3

que linguisticamente permite frases como as seguintes:

- 3) O carro está à frente do Zé.
- 4) O Zé está atrás do carro.
- 5) A bicicleta está à frente do carro.
- 6) O carro está à frente da bicicleta.
- 7) A bicicleta está à frente do Rui.
- 8) O Rui está atrás da bicicleta.

Quais destas frases se baseiam numa perspectiva deíctica?

Em 3), o carro (Figura) é situado relativamente ao Zé (Configurante). Em 4), é o inverso: o Zé (Fg) é situado relativamente ao carro (Cfg). Que razão pode haver para justificar que 3) seja perspectivado deícticamente e 4) intrinsecamente?

Nenhuma, a nosso ver.

É apenas uma questão de opção relativamente ao elemento que irá servir de Cfg. Embora entre 3) e 4) haja mudança de Cfg, não há mudança de metodologia de

perspectivação. Assim como {X} pode ser perspectivado em relação a {Y}, também {Y} pode ser perspectivado em relação a {X}.

E o argumento relativo ao facto de o Cfg de 3) ser um ser humano "observador" que visualiza a cena?

Para este argumento ser válido, a mudança do estatuto do Cfg (se deixasse de ser "observador") deveria acarretar uma mudança de perspectiva. Mas não acarreta. Mesmo que o Zé fosse cego, poderíamos dizer sem qualquer alteração configurativo-semântica a frase 3). E se no lugar do Zé estivesse um actante que nunca pudesse ser "observador", a configuração não se alteraria: poderíamos sempre dizer

3') O carro está à frente do espantalho/ edifício/ comboio/....

Aliás entre 3) e 5) o processo de localização linguística é exactamente o mesmo. O facto de um Cfg poder ser observador (Zé em 3)) e outro não (carro em 5)) dificilmente justifica que se concebam duas perspectivas diferentes de localização espacial.

Pode ainda argumentar-se que a perspectiva deíctica implica que o Cfg seja o LOC ou o ALOC. A ser assim, "perspectiva deíctica" equivale a "perspectiva em que o Cfg é um dos interlocutores". Será esta distinção linguisticamente justificável?

Ponha-se o Zé a falar com o João:

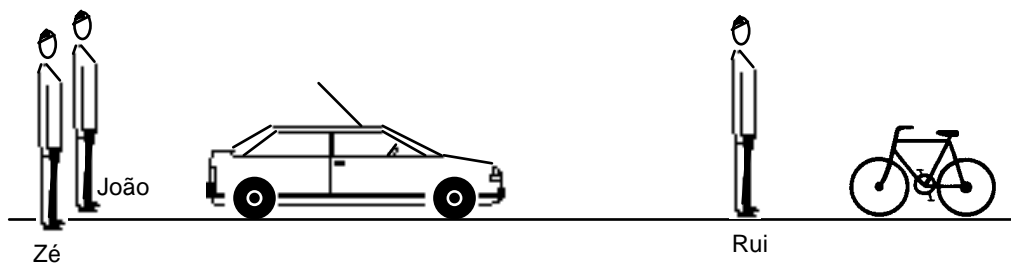


Figura 4

Zé:—

- 9) O carro está à minha frente. (=perspectiva deíctica)
- 10) O carro está à tua frente, João. (=perspectiva deíctica)
- 11) A bicicleta está à frente do Rui. (=perspectiva intrínseca???)
- 12) O Rui está à frente da bicicleta. (=perspectiva intrínseca?)

A frase 11) é verdadeira não apenas para o Zé e para o João, enquanto interlocutores, mas para qualquer elemento, esteja onde estiver.

Vendo bem, e ao contrário do que à primeira impressão possa parecer, cognitivamente não se encontra nenhuma razão para diferenciar, deste modo, a "perspectiva deíctica" de uma perspectiva intrínseca. Na realidade, **toda** a perspectiva deíctica se baseia numa perspectiva intrínseca. A primeira não pode existir sem a

segunda. Esta, a perspectiva intrínseca, nunca pode, portanto, opor-se a uma perspectiva deíctica, mas apenas a uma ... não-intrínseca.

Recuperando a situação há pouco apresentada (agora identificada como "A") em que todos os objectos possuíam orientação intrínseca e comparando-a com outra ("B") em tudo idêntica, excepto por possuir um objecto sem orientação intrínseca (uma bola), verificam-se diferenças nas possibilidades de configuração:

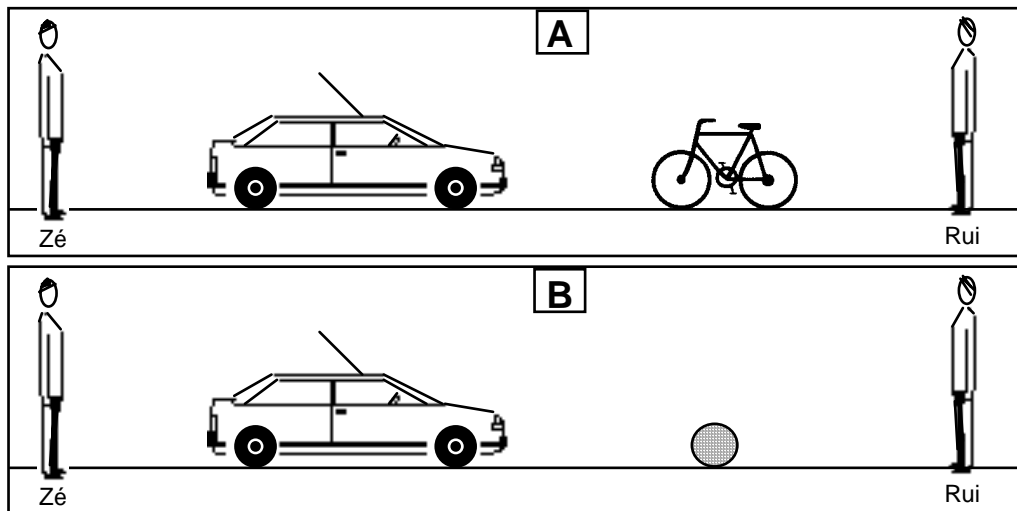


Figura 5

- 13) A bicicleta está à frente do carro.
- 14) A bola está à frente do carro.
- 15) O carro está à frente da bicicleta.
- 16) ?O carro está à frente da bola.
- 17) ?O carro está atrás da bola.
- 18) *O carro está atrás da bicicleta.

A configuração 18) não é possível porque o Cfg *bicicleta* possui orientação intrínseca. E assim sendo, desde que se saiba que tal objecto é o Cfg, todos os outros actantes são indiferentes e nada mais importa para a indicação relativa da Fg. Inversamente, 17), que retrata em "B" uma situação idêntica a 18) para "A", é admissível, bem assim como, paradoxalmente, a respectiva configuração opositiva que 16) traduz. Ou seja: só se pode dizer que o carro está *à frente da bicicleta*, mas não *atrás da bicicleta*; mas tanto se pode dizer que o carro está *atrás da bola* como *à frente da bola*.

É que como a bola não é intrinsecamente orientada, em "B", para ser Cfg, tem de adquirir uma orientação situacional. Ora tal orientação tanto lhe pode vir de um lado como de outro, como a figura 6 procura evidenciar:

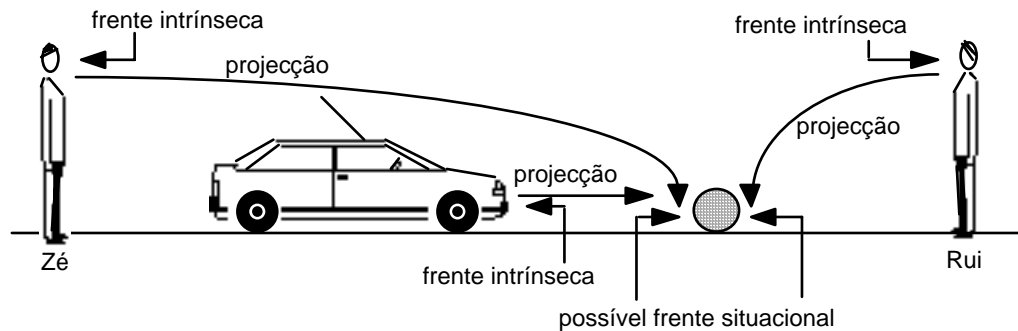


Figura 6

Como se comprova, a nosso ver, não há razão para contrapor uma perspectiva intrínseca a uma deíctica, não só porque a toda a deíctica subjaz uma intrínseca, mas igualmente porque a noção de "observador" não é, para o caso, linguisticamente funcional nem pertinente. O Cfg tanto pode ser humano como não, animado como inanimado. Importa apenas que seja intrinsecamente orientado para poder, só por si, servir de marca de referência para a localização de um outro objecto no espaço.

A designação de "perspectiva deíctica", a ser utilizada, poderá, talvez ficar reservada para quando o Cfg for o LOC ou um observador externo, como é o próprio leitor relativamente a uma figura/situação que vê representada. É, assim, fundamentalmente uma perspectiva de observação, já que exige que haja um observador (LOC ou observador exterior/leitor) que configura toda a situação relativamente a ele mesmo. Deverá, no entanto, ser entendida não como uma perspectiva que se contrapõe à intrínseca, mas como uma das perspectivas intrínsecas, ou seja, uma das perspectivas que se baseiam numa determinada configuração que o objecto intrinsecamente possui e que lhe é reconhecida pela comunidade. A perspectiva oposta à deíctica ou observante poderá ser designada **extra-observante**.

É muito natural que haja uma estreita relação entre a prototipicidade da orientação intrínseca e a escolha do objecto que irá servir para Cfg. No entanto, outros factores, como a organização discursiva e a distância relativa entre os actantes de uma configuração espacial desempenham igualmente papéis essenciais ou mesmo decisivos.

Podem-se cruzar as perspectivas intrínseca e não intrínseca com os diferentes papéis desempenhados pelos actantes numa localização para verificarmos as diversas possibilidades configurativas. A seguinte situação e respectivo exemplário linguístico comprovam o quadro que depois se apresenta:



Figura 7

- 19) Tu estás à minha frente, João. (Cfg intrinsec. orient.= Zé LOC)
 20) A tartaruga está à tua frente, João. (Cfg intrinsec. orient.=ALOC)
 21) A bicicleta está à frente do Rui. (Cfg intrinsec. orient.= [+observador],
 [+humano])
 22) A árvore está à frente da tartaruga. (Cfg intrinsec. orient.= [+observador],
 [- humano])
 23) A árvore está à frente da bicicleta.(Cfg intrinsec. orient.= [- observador],
 [- humano])
 24) A bicicleta está atrás da árvore. (Cfg intrinsec. não-orient.
 Orient. atribuída pelo LOC/ALOC/tartaruga)
 25) A bicicleta está à frente da árvore. (Cfg intrinsec. não-orient.
 Orient. atribuída pelo Rui e pela bicicleta)

Poder-se-á, então, sintetizar o exemplificado no seguinte quadro:

LOCALIZAÇÃO	
ORIENTAÇÃO INTRÍNSECA (Configurantes intrinsecamente orientados)	ORIENTAÇÃO NÃO INTRÍNSECA (Configurantes com orientação situacional projectada por #1/#5)
#1- LOC (19))-----→	-----→ (24))
#2- ALOC (20))-----→ - outros Cfg	-----→ (24))
[+observador]	
#3- [+humano] (21)) →	-----→ (25))
#4- [-humano] (22)) →	-----→ (24))
# 5- [-observador] (23)) -→	-----→ (25))

Como se pode verificar através de 25), por exemplo, em princípio é mais fácil atribuir a *frente* à árvore devido à orientação do Rui do que à orientação da bicicleta. Do mesmo modo em 24) o *atrás* da árvore é normalmente tido como sendo

atribuído pelo LOC/ALOC e não tanto pela tartaruga. Isto prova que além da organização discursiva e da distância relativa entre os actantes, há uma certa hierarquia entre os possíveis Cfgs intrinsecamente orientados para atribuição de orientação situacional.

4.1.2. A atracção das configurações deícticas ou observantes

Temos, assim, que o Configurante de uma situação pode ser um objecto sem orientação intrínseca (uma árvore), dotado de orientação intrínseca (uma bicicleta), humano, presente na situação configurável ou não presente (como acontece com o leitor/observador de um desenho).

Que todos podem ser Configurantes é facilmente constatável. Mas sê-lo-ão da mesma forma e com o mesmo poder de atracção configurativo? Vejamos.

Como foi referido, o LOC pode identificar-se com qualquer um dos elementos, Fg ou Cfg, presentes numa situação. A identificação com o Cfg é, talvez, a mais frequente e a mais fácil, na medida em que as configurações em que o LOC é a Fg aparecem bastante mais tarde na aquisição da linguagem do que aquelas em que é o Cfg.⁽³⁾ Muitas vezes, no entanto, o Cfg coincide com o ALOC:



Figura 8

26) O gato está à tua frente e o rato à esquerda.

O rato é localizado em relação ao Cfg-ALOC por um processo de deslocação virtual do LOC. Este toma (virtualmente) a posição e a orientação do ALOC para localizar a segunda Figura (rato), agora no eixo da lateralidade, como está esquematizado na figura 9:

⁽³⁾ Traugott, 1978.



Figura 9

É evidente que o segundo objecto-Figura (o rato) é localizado relativamente ao ALOC, sendo, por isso, referido à *esquerda*. Caso tomasse o primeiro objecto-Figura (o gato) como Configurante de referência nunca poderia ser localizado à *esquerda*.

Mesmo que o Cfg não seja um ser humano, mas antes um qualquer objecto intrinsecamente orientado, o processo pode ser o mesmo:

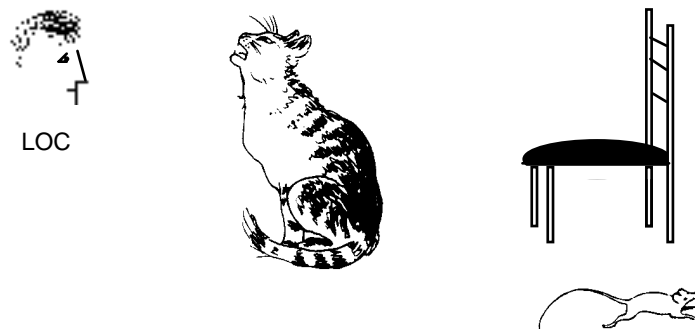


Figura 10

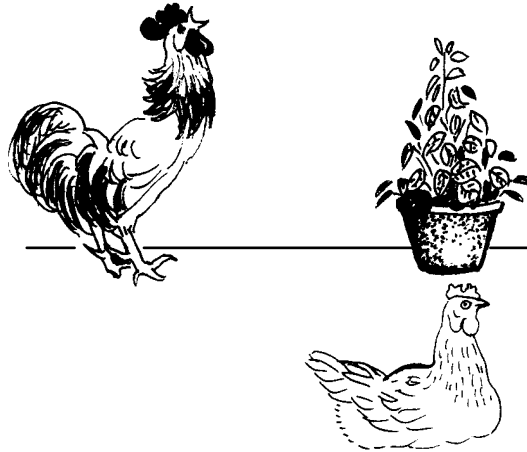
27) O gato está à frente da cadeira e o rato à esquerda.

Isto acontece com objectos dotados de uma orientação própria (intrínseca). E nos que não a possuem?

Com estes, objectos sem orientação intrínseca, a situação muda. Podem funcionar perfeitamente como Configurantes para a primeira orientação da frontalidade, mas mais dificilmente são utilizados como Configurantes para uma segunda localização que tem tendência a tomar como Configurante o objecto intrinsecamente orientado presente na situação. Dito de outro modo: numa situação de localização de duas Figuras relativamente a um Configurante não intrinsecamente orientado, a localização da segunda Figura toma preferentemente como Configurante a primeira Figura caso ela seja intrinsecamente orientada. Parece, assim, haver uma atracção para que o elemento dotado de uma orientação mais prototípica sirva de Configurante.

Para confirmarmos este facto, fizemos dois testes⁽⁴⁾ em que um primeiro objecto-Figura (intrinsecamente orientado) era situado relativamente a um Configurante intrinsecamente não orientado, pedindo-se que se situasse um outro objecto presente na mesma situação. Em concreto, os dois inquéritos:

Complete a frase que descreve a figura:

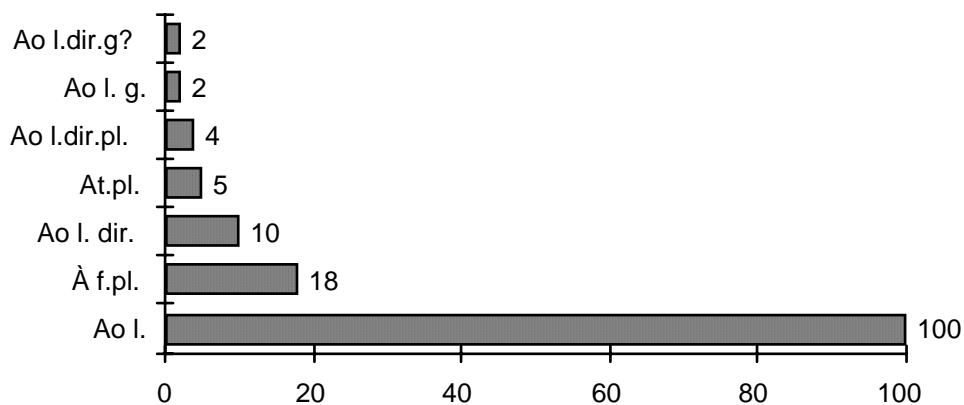


O galo está em frente à planta e a galinha _____.

Os resultados foram os seguintes:

Ao lado	100
À frente da planta	18
Ao lado direito	10
Atrás da planta	5

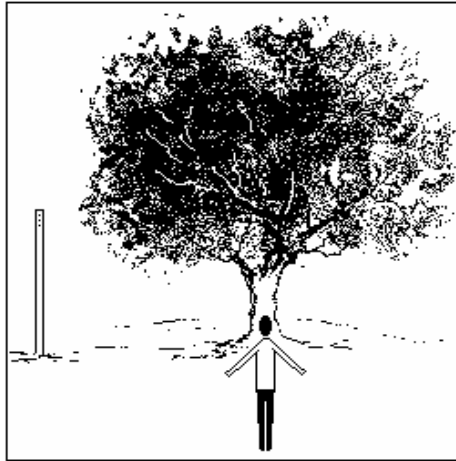
Ao lado direito da planta	4
Ao lado do galo	2
Ao seu (galo?) lado direito	2
Anulados	2



O outro teste era sensivelmente idêntico:

Complete a frase que descreve a figura:

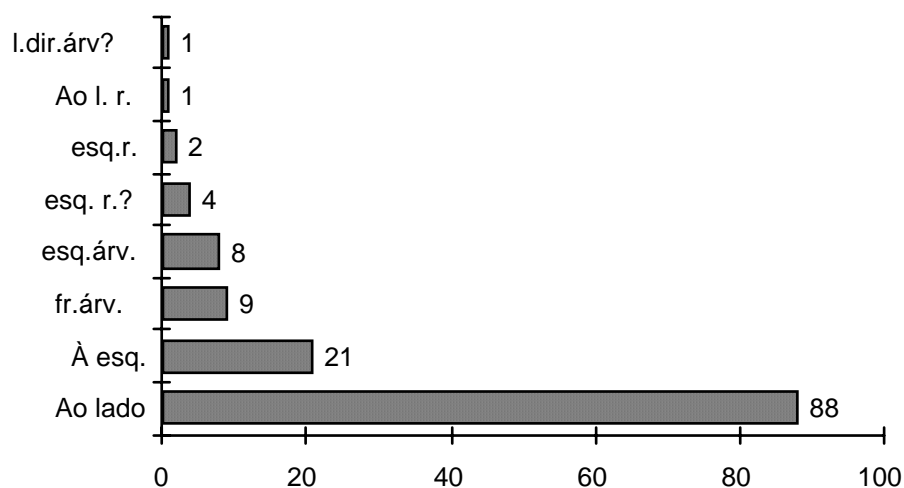
⁽⁴⁾ Realizados em turmas do primeiro ano na aula de Introdução aos Estudos Linguísticos na Universidade do Minho e Universidade Católica (Faculdade de Filosofia de Braga) em 1996.



O rapaz está em frente à árvore e o poste está _____.

Resultados:

Ao lado	88
À esquerda	21
Em frente à árvore	9
À esquerda da árvore	8
À sua esquerda (do rapaz?)	4
À esquerda do rapaz	2
Ao lado do rapaz	1
Ao lado direito (da árvore?)	1
À frente do rapaz	1
Respostas marginais	8



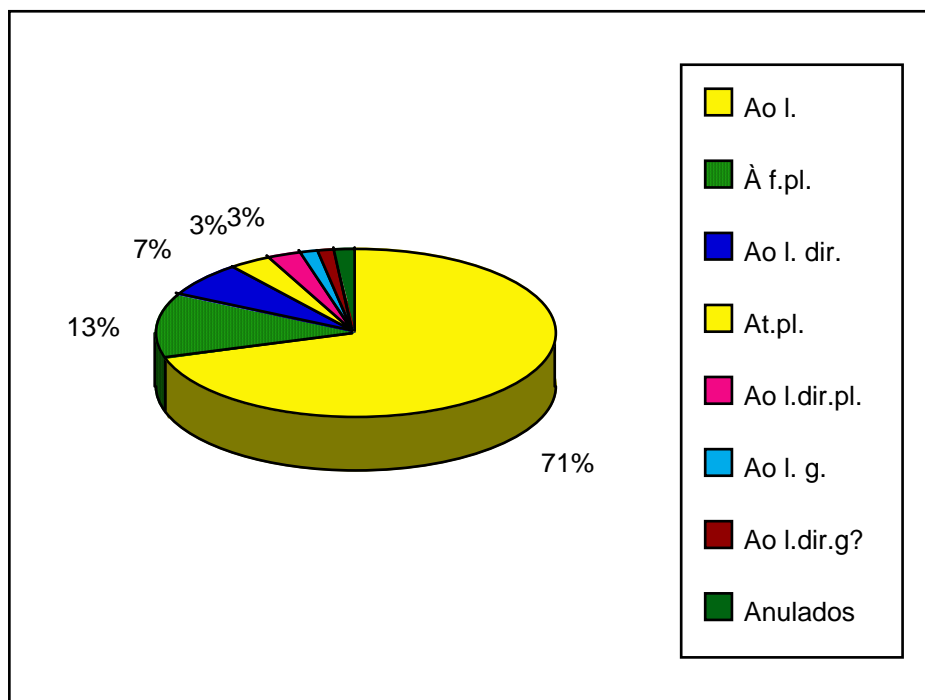
O que primeiramente salta à vista é que a configuração esmagadoramente dominante, nas duas situações, é "ao lado", sem qualquer especificação: que lado é (lado esquerdo ou lado direito) e a que objecto se refere (se à primeira Figura — ao

lado do galo ou ao lado do rapaz—, ou se é "ao lado" do(s) Configurante(s), planta (primeira situação) ou árvore (segunda situação).

O facto de a maioria dos questionados não ter sentido necessidade de especificar que lado era elimina a necessidade de indicar o "ao lado do quê". Isto porque se se considerar que, por exemplo na primeira situação, a galinha está "ao lado", esta configuração é válida quer relativamente ao galo, quer relativamente à planta. Ainda que se considere a configuração intrinsecamente orientada do galo e a orientação situacional da planta, a galinha está sempre "ao lado": ao lado direito do galo e ao lado esquerdo da planta (considerando-se que a frente da planta é a que está voltada para a frente do galo). Mas não deve ser nesta perspectiva que poderá ser entendida a resposta maioritária (como o comprovam as restantes). "Ao lado" significa, apenas, "não se situa no eixo da frontalidade (*atrás/à frente*)".

Isto prova que as localizações no eixo da lateralidade são, em princípio, localizações secundárias que apenas informam que a Figura não se encontra no eixo da frontalidade do Configurante. É, portanto, uma espécie de localização por contraponto, e por isso, na maior parte dos casos, não é necessário especificar que faceta da lateralidade está em causa (esquerda ou direita), ao contrário do que se passa com os outros dois eixos, onde, quer na frontalidade (*atrás/ à frente*), quer na verticalidade (*cima/baixo*), é imprescindível tal indicação.

Dado que, por conseguinte, a localização "ao lado" pouco indica sobre os modelos mentais destas configurações espaciais, as respostas verdadeiramente significativas são as restantes.



Na situação galo-planta-galinha, a que o gráfico percentual se refere, a segunda resposta mais numerosa (18 vezes, 13%) foi "a galinha está à frente da planta". Neste caso, a perspectiva adoptada foi a de não considerar a planta como situacionalmente orientada ignorando a primeira parte da configuração apresentada ("O galo está em frente à planta"). A localização da galinha foi feita não tendo em consideração a relação galo-planta; por isso localizada também "à frente". Ou seja, o modelo preferido foi o de considerar que um objecto sem orientação intínseca (a planta, neste caso) tem tantas frentes quantas as dos objectos intrinsecamente orientados que para ele estão voltadas. Pode dizer-se, por exemplo, que cada carro está *à frente* da árvore:

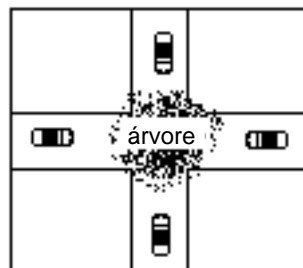


Figura 11

No entanto, vendo bem, não será este o modelo aplicável aos resultados do inquérito. A galinha não está voltada para a planta. A relação apresentada entre esta e aquela nunca poderá ser "galinha à frente da planta", já que não há uma situação de encaramento e o elemento Configurante (planta) não é intrinsecamente orientado:

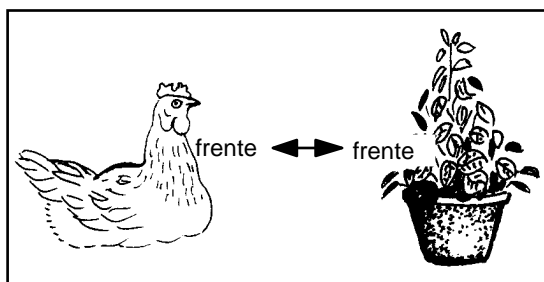


Figura 12

galinha à frente da planta
planta à frente da galinha

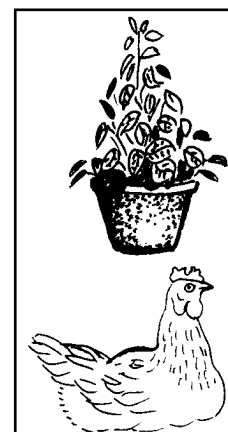


Figura 13

*galinha à frente da planta
*planta à frente da galinha

O que explica a possibilidade e a aceitabilidade da configuração "galinha à frente da planta" (como aparece no inquérito) é a introdução de um elemento externo que irá ser o Configurante da situação: o leitor/observador. A situação deixa de ter uma configuração relativa aos elementos que a compõem e passa a ser configurada através

da perspectiva do observador. Deixa de ser configurada internamente e passa a sê-lo deicticamente pelo observador:

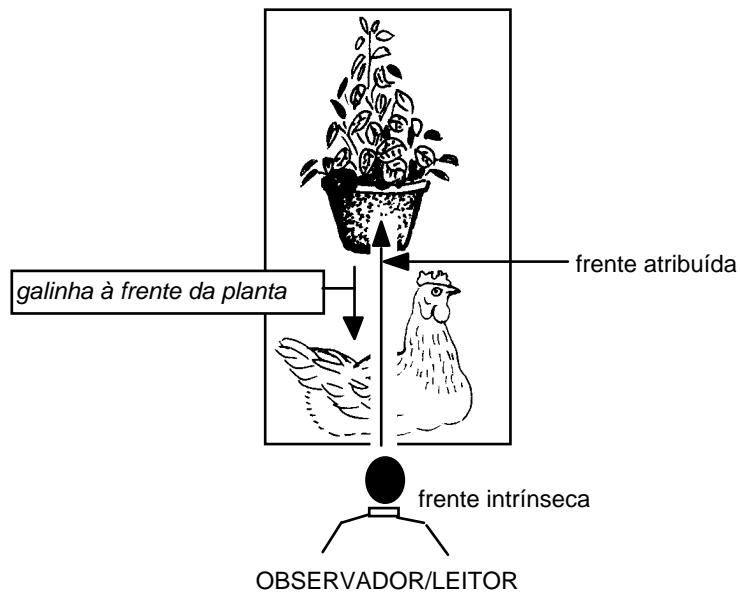
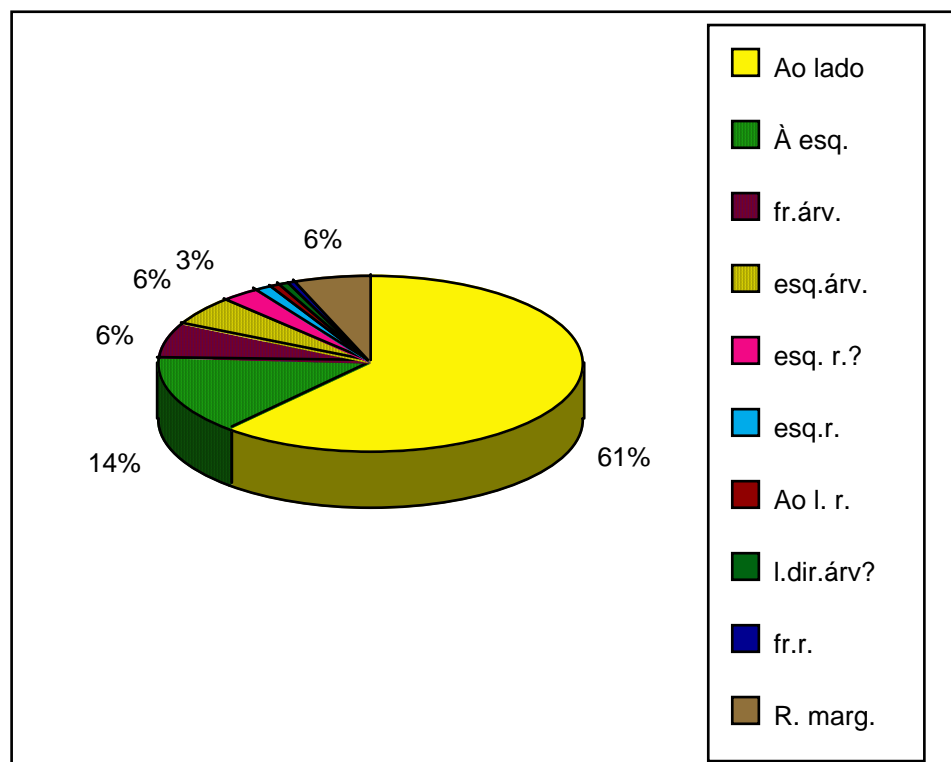


Figura 14

Já no outro inquérito, a segunda resposta mais frequente (21 vezes, 14%) foi "o poste está à esquerda", não se indicando o Configurante, ou seja, o *de quê*. Vejam-se os resultados percentuais:



À primeira vista, parece evidente que com *à esquerda* os questionados estavam a configurar o poste relativamente ao rapaz. Mas as coisas podem não ser assim tão líquidas e esta análise ser demasiadamente simplista.

Em primeiro lugar, em princípio, quando se toma algo por Configurante que irá servir de ponto de referência, esse Configurante é o elemento referenciador de todos os outros objectos, a não ser que explicitamente se afirme o contrário. Assim, se se disser

28) X está à frente de Y, K está atrás e Z à direita,

isto, por princípio, deverá ser interpretado

29) X está à frente de Y; K está atrás de Y; Z está à direita de Y.

Ora então, **por princípio**, esta resposta deveria ser interpretada

30) O rapaz está em frente à árvore e o poste está à esquerda (da árvore).

A corroborar isto mesmo, está o facto de haver 8 respostas (6%) que explicitamente referem "à esquerda da árvore", enquanto apenas 2 (1%) indicam "à esquerda do rapaz". Há ainda um número significativo (4 respostas, 3%) que indica "à sua esquerda", não se sabendo se é à esquerda da árvore ou do rapaz. Mas mesmo que a interpretação seja a de considerar que em todas as 4 respostas o "sua" se refere à esquerda do rapaz, esta continua a ser suplantada pela esquerda da árvore (8, para esta, 2+4 para a do rapaz).

Destes factos, e dado que a resposta mais numerosa verdadeiramente não situa o poste, mas apenas diz que está "ao lado", parece poder concluir-se que a configuração "o poste está à esquerda da árvore" será a mais recorrente ou, pelo menos, uma das mais recorrentes.

Ora o curioso, é que esta configuração é **a única impossível** a nível topológico. Na verdade, nesta situação, o poste **nunca** deveria poder ser situado "à esquerda da árvore". Se é dada a situação do rapaz como estando "em frente à árvore", segue-se que a árvore fica situacionalmente orientada: a parte voltada para a frente do rapaz é (também) a frente da árvore; a parte oposta é a parte de trás da árvore. Esta situação rapaz/ árvore em espelho implica que, obviamente, como o esquema da figura 15 a seguir mostra, a direita da árvore fique em frente à esquerda do rapaz. Portanto, logicamente o poste estaria *à direita* da árvore e nunca à esquerda:

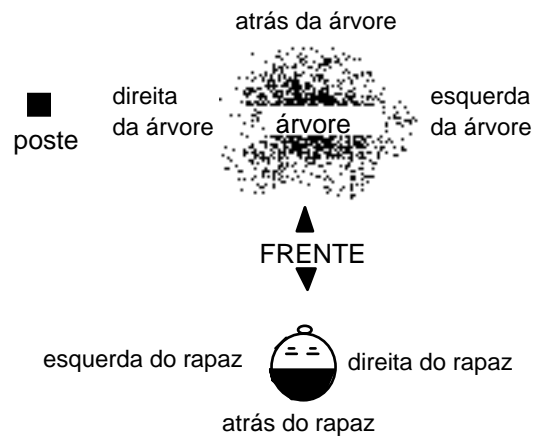


Figura 15

Assim, a frase

31) O rapaz está em frente à árvore e o poste está à esquerda da árvore.

é uma resposta que podia, por algumas perspectivas teóricas, ser considerada "frase não aceitável", ou seja, uma das célebres frases de asterisco. Pela **lógica**, ou pelas "condições de verdade" não deveriam aparecer em percentagem tão elevada num inquérito. Mas aparecem.

Tudo isto pode ser corroborado se recuperarmos os resultados do primeiro inquérito: embora se tenha tomado a planta por Cfg e se lhe tenha atribuído uma *frente*, a sua lateralidade topológica não vingou linguisticamente. Se tal tivesse acontecido, a galinha teria que ser considerada "à esquerda da planta":

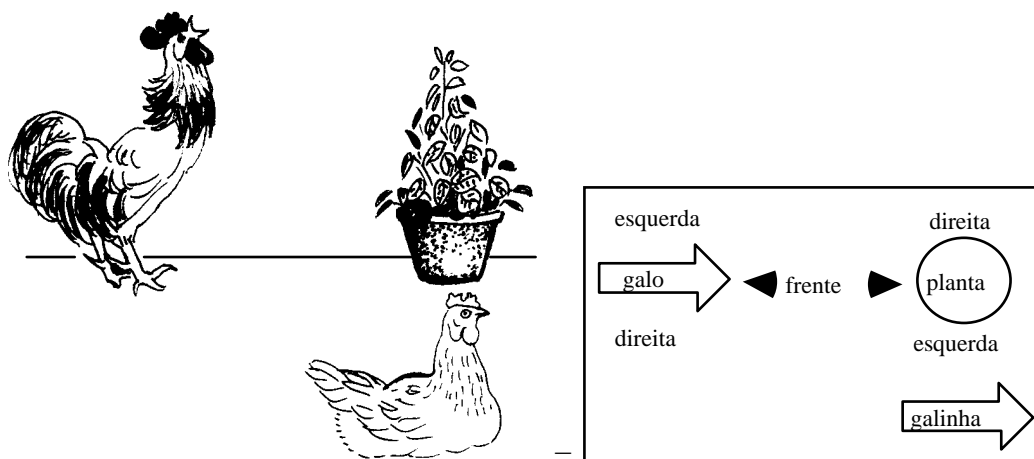


Figura 16

No entanto, nem uma única resposta assim o fez. Pelo contrário, a galinha foi considerada "ao lado direito" (10 respostas), "ao seu (?) lado direito" (2 respostas) e explicitamente "ao lado direito da planta" (4 respostas). Em rigor, no entanto, como se

comprova pela indicação das posições relativas dos figurantes (figura 16), a galinha, quando muito, poderia ser considerada à direita do galo, nunca da planta.

Mas por que é que nestas configurações a lateralidade topológica é tão sistematicamente tida como irrelevante e mesmo anulada?

Dizer que estas respostas "estão erradas" e ignorá-las é um procedimento que de científico pouco terá. O interessante é, ao inverso, ver nelas o resultado das inter-influências mútuas dos vários modelos de configuração espacial e tentar descobrir o que isso nos pode revelar dos mecanismos cognitivos e dos modelos da própria espacialização linguística.

O que é que, então, explicará a recorrência tão significativa destas respostas "ilógicas"?

Como já atrás dissemos, em princípio, quando se toma algo por Configurante que irá servir de ponto de referência, esse Configurante é o elemento referenciador de **todos** os outros objectos, a não ser que explicitamente se afirme o contrário:

32) X está à frente de Y e K está à direita.

deverá ser interpretado

33) X está à frente de Y; K está à direita de Y.

Este procedimento sintáctico "arrasta" o falante, por princípio, a querer fazer a localização relativamente à árvore, que já servira de Configurante, de ponto de referência, na primeira localização. Só que como a localização é lateral, é uma localização secundária, feita num eixo, o da lateralidade, menos importante que os outros. Como o Configurante "árvore", neste caso, não é intrinsecamente orientado, o único eixo que tem com alguma força é "frente/trás", atribuído, pelo rapaz, num sistema de espelhamento. O eixo da lateralidade não tem poder de atracção suficiente para autonomamente configurar o resto da situação. Na verdade, a existência, (embora como Figura), de um objecto intrinsecamente orientado no grau máximo da prototipicidade, o rapaz, leva a que a "lateralidade atribuída" da árvore tenha tendência a ser ignorada e seja a do rapaz a que se imponha.

Sintetizando, este processo leva a que haja dois módulos cognitivos que ressaltam:

1) **o poste está à esquerda** (do rapaz).

2) a localização deve ser feita **relativamente à árvore**.

Ora é esta conexão entre 1) e 2) que o falante estabelece como conjuntiva, mas que na realidade é disjuntiva, que faz com que o resultado final da localização tão frequentemente seja "o poste está à esquerda da árvore".

Note-se que não há nenhuma resposta que explicitamente admita a lateralidade do objecto configurador orientado situacionalmente (a árvore). É que nenhuma configura o poste à direita da árvore, como aconteceria se nesta última a orientação situacional equivallesse a uma orientação intrínseca. Há apenas uma resposta que diz "ao lado direito", não explicitando que será (como certamente é) da árvore.

Curiosamente (ou talvez não), no outro inquérito passa-se exactamente a mesma coisa. Nas respostas que localizam a galinha no eixo da lateralidade, a mais abundante (100 respostas) situa-a simplesmente "ao lado", não dizendo que lado e ao lado de quê. Em seguida e dentro do mesmo eixo da lateralidade, aparece "ao lado direito" (em 3º lugar, com 10 respostas), faltando dizer se é à direita do galo ou da planta. Mas depois (5º lugar, 4 respostas), surge "ao lado direito da planta", o que parece provar que muitas das localizações "ao lado" e "ao lado direito" se referiam à planta.

Tal como na outra, também nesta situação topologicamente a galinha nunca pode ser localizada "ao lado direito da planta", já que se esta tem a frente voltada para o galo, a galinha situar-se-á obrigatoriamente à sua esquerda. No entanto, tal como na situação rapaz-árvore-poste, não há nenhuma resposta que valide o eixo da lateralidade do objecto orientado situacionalmente. Neste caso, deveria ser "a galinha está à esquerda da planta".

Tudo isto demonstra que

- 1) a lateralidade é um eixo secundário relativamente à frontalidade;
- 2) dentro do eixo da lateralidade, a localização relativa aos dois vectores que o compõem (esquerda/direita) não é muito relevante;
- 3) a lateralidade dos objectos sem orientação intrínseca é ignorada, mesmo quando eles funcionam como Configurantes;
- 4) ao Cfg orientado situacionalmente apenas é fornecida a orientação frontal (*frente/trás*) e não a lateral (*esquerda/direita*);
- 5) devido a 4) a lateralidade configurante não é a lateralidade do Configurante quando este não é intrinsecamente orientado, mas a de um outro elemento interveniente na configuração;
- 6) quando o Configurante não é intrinsecamente orientado, a configuração tem tendência a ser feita relativamente a um observador.

O "observador" de uma situação pode ser o locutor presente ou um elemento a ela exterior. Caso típico, um leitor perante um texto ou um desenho. Recuperando os resultados obtidos, a frequente localização "o poste está à esquerda" coincide também com a localização relativa ao observador-leitor (o que responde ao

inquérito). Na realidade, este considera a árvore como o centro (já que ela desempenha o papel de Configurante relativamente ao rapaz), aparecendo o poste à esquerda, quer *à esquerda* do rapaz, presente na situação, quer *à esquerda* do próprio leitor/observador que externamente vê (e portanto pode configurar) a mesma situação.

Este processo é confirmado, como vimos, pelo outro inquérito. É que a segunda resposta em termos numéricos foi "a galinha está à frente da planta". Na verdade, tal perspectiva é fundamentalmente deíctica: a posição da galinha "à frente" da planta é também a perspectiva do observador-leitor.

Isto prova que uma orientação em espelho só funciona quando tal for estritamente necessário. E mesmo em objectos intrinsecamente orientados pode passar-se de um modelo de orientação para outro. Para se perceber este mecanismo, veja-se a seguinte situação, assim verbalizada:

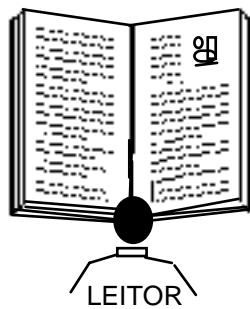


Figura 17

34) -Já encontraste o livro?

-Estou mesmo à frente dele.

-Onde abriste, aparece alguma gravura?

-Há uma na página direita, ao cimo.

Repare-se que o primeiro modelo configurador começa por ser o que toma o livro pelo Configurante em relação ao qual o LOC se situa (*estou à frente do livro*). Mas é curioso que para situar as páginas que compõem o livro ou a gravura que numa delas se encontra, esse mesmo Configurante é abandonado, não podendo continuar a desempenhar o seu papel de referência configuradora em relação à qual se situa determinado objecto —neste caso uma gravura que fisicamente nele está localizada. Esta, bem assim como as páginas, é configuradaa relativamente ao LOC, não podendo ser de outra forma. Assim, embora o livro (aberto) seja visto como um objecto intrinsecamente orientado, ele não pode servir de Configurante da mesma forma que um sujeito humano presente na mesma configuração. É que ao falar-se na página *direita* do livro, este é transformado num objecto sem orientação intrínseca. Na realidade, se se continuasse a "ver" o livro como objecto intrinsecamente orientado, àquilo que se chama página *direita* ter-se-ia que chamar *esquerda*, considerando que, como acontece neste exemplo, o livro aberto está *de frente* para quem assim o vê; ou seja, a página direita de um livro, jornal, revista, etc., é o respectivo "braço" esquerdo que naturalmente contacta com o braço direito do leitor. O livro é, assim, concebido como uma mera extensão do corpo do observador/leitor:

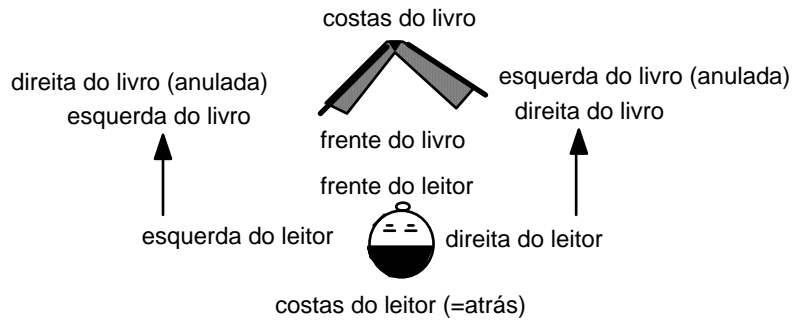


Figura 18

Repare-se que não é o que acontece se se tratar de um objecto tipicamente orientado, como um cão. Se se disser

35) Estou em frente de um cão. Tem uma ferida na pata direita.

ninguém interpreta "na pata que fica em frente ao meu lado direito", mas sim "na pata do respectivo lado direito". Ora no livro, a página da direita não é a página que fica do lado direito do livro, mas a que fica do lado direito do observador/leitor; corresponderia, por conseguinte, ao lado esquerdo do livro se este pudesse ser aceite na totalidade de uma orientação intrínseca.

Pode argumentar-se que um livro não é tipicamente um objecto dotado de orientação intrínseca. Vejamos, então, por exemplo, um outro objecto com uma orientação intrínseca inequívoca.

Para um observador da situação à esquerda, é perfeitamente normal dizer

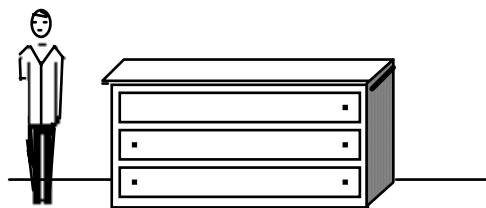


Figura 19

36) O homem está à direita do móvel.

No entanto, o mesmo observador afirmará com maior probabilidade

37) Falta o puxador esquerdo à gaveta de cima.

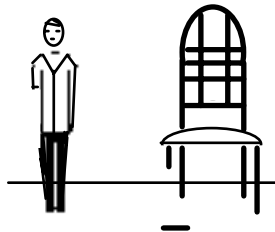
38) Falta o braço direito ao homem.

do que

39) ?Falta o puxador direito à gaveta de cima.

40) *Falta o braço esquerdo ao homem.

embora o braço do homem e o puxador do móvel ocupem a mesma posição relativamente a esse observador. Mas já na situação a seguir, as coisas mudam. Para um LOC que se considere *em frente* aos dois objectos:



41) -Falta o braço direito ao homem.

42) -A perna direita da frente da cadeira está partida.

43) *A perna esquerda da frente da cadeira está partida.

Figura 20

Neste caso, como se constata, para além da frontalidade o objecto-configurante *cadeira*, ao contrário das situações atrás vistas com a planta, a árvore, o livro e o móvel, conserva sempre os seus vectores da lateralidade:

44) O pedaço partido está à frente da cadeira, e o homem à direita.

A partir destas interacções entre a frontalidade e a lateralidade parece legítimo poder concluir-se que

1) a configuração espacial de uma situação não se faz necessariamente utilizando um único modelo de localização, deíctico (observante) ou intrínseco (não-observante);

2) a possibilidade que um Configurante tem de servir de referência para toda a situação é directamente proporcional ao seu grau de antropomorfização. Ou seja, quanto menos antropomorfizados forem os Configurantes, menor é a possibilidade de serem eles a configurarem a totalidade da situação;

3) a perspectiva do observador exerce um poder de atracção configurativo que se pode sobrepor aos elementos intra-situacionais, sobretudo aos intrinsecamente não orientados.

4.1.3. O observador e a equivalência [direita]⇒[frente]

Se se pedir a uma pessoa que não sabe ler para repetir palavras como *cão*, *água*, *castanheiro* ou *esferográfica*, ela repete-as sem grande dificuldade. No entanto, se se pedir que repita pseudo-palavras, ou seja, conjuntos de sons formados segundo as regras fonéticas da língua, mas não existentes como palavras, como *palilo*, *tipuladira*, *faquitrólia*, verifica-se que essa pessoa terá muita mais dificuldade em as reproduzir.

A partir destas e outras experiências semelhantes, o Laboratório de Estudos da Linguagem do Centro de Neurociências de Lisboa, juntamente com o Karolinska Institute de Estocolmo, procuram estudar a influência que o processo da leitura tem no funcionamento dos nossos mecanismos cognitivos. De acordo com Alexandre Castro Caldas, investigador responsável pelo projecto, "saber ler é uma operação muito interessante pois provoca uma verdadeira revolução dentro do cérebro". (Expresso [Vidas], nº 1329 de 18/04/98, p.24)

A verificação das diferenças de compreensão e processamento verbal entre pessoas alfabetizadas e analfabetos levou a investigar uma estrutura existente no cérebro, o corpo caloso, que liga os dois hemisférios permitindo a troca de informação entre ambos. Segundo Castro Caldas,

o corpo caloso dos analfabetos é mais pequeno numa região que tem a ver com as áreas que nós pensamos estarem envolvidas na escrita e na leitura. (Expresso [Vidas], nº 1329 de 18/04/98, p.24).

Análises cerebrais obtidas por tomografia de emissão de positrões feitas no Karolinska Institute de Estocolmo (figura 21) mostram

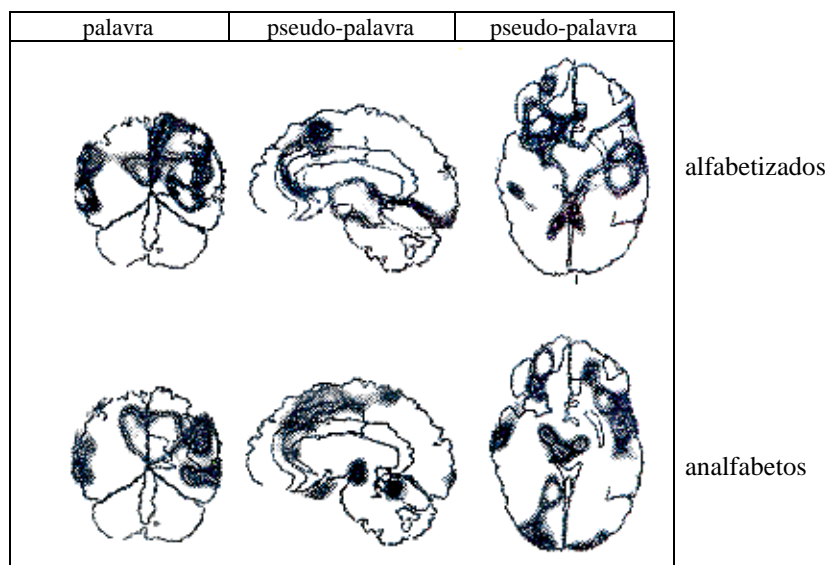


Figura 21: Neurofisiologia Cognitiva e Tomografia de Emissão de Positrões (PET), Karolinska Hospital, Suécia

que, quer no processamento das palavras, quer no das pseudopalavras, nos indivíduos que sabem ler há um maior cruzamento de informação entre os dois hemisférios cerebrais, como mostra a respectiva Tomografia de Emissão de Positrões. Parece pois que se pode afirmar, cada vez com mais certeza e provas, dois factos que funcionam conjuntamente: os nossos mecanismos cognitivos interagem entre si e os mecanismos ligados à leitura interferem com os restantes.

Ora sendo assim, é natural que o processo físico de leitura e os mecanismos cognitivos ligados à espacialidade que esta envolve reforcem determinados processos e determinadas equivalências que mentalmente vamos construindo.

Esta pode ser uma das explicações para alguns factos e resultados observados nas análises que aqui apresentamos. Na verdade, parece provar-se que, como em várias línguas, também em português, o falante tem a tendência para identificar o seu lado esquerdo com a *atrás* e o direito com *frente*. Não é por acaso que na banda desenhada, como é do conhecimento técnico dos especialistas e que facilmente se pode comprovar, as situações que representam movimento são desenhadas movendo-se as figuras, normalmente, da esquerda para a direita. Quando as figuras aparecem com orientação inversa, movendo-se da direita para a esquerda, a impressão de movimento não é tão forte:

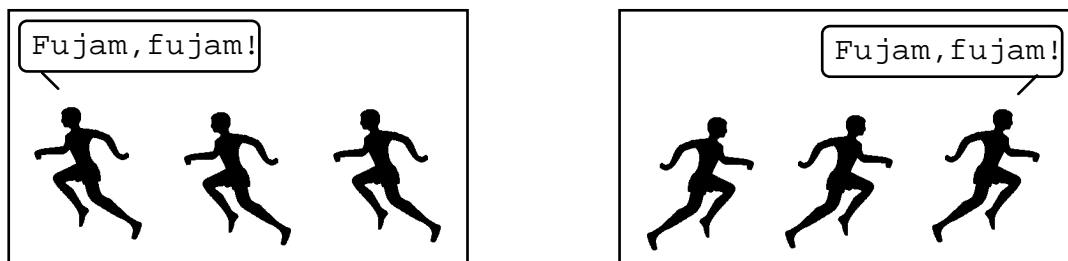


Figura 22

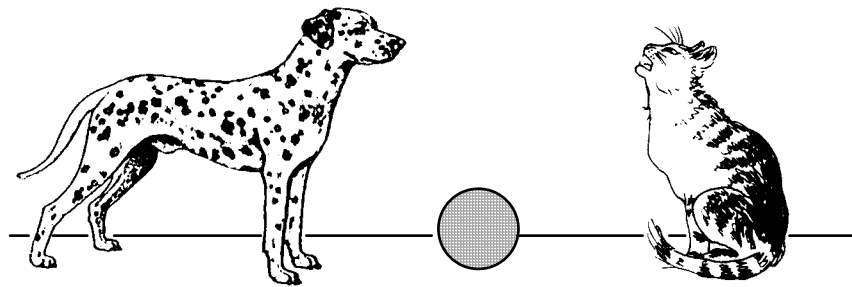
Naturalmente que a forma espacial como o texto/legendas se desenrola(m) (da esquerda para a direita) tem influência nisto mesmo: resulta "esquisita" uma situação em que o texto é concebido como dotado de movimento (físico e cognitivo) e orientado da esquerda para a direita, enquanto a figura que o ilustra, para representar o mesmo movimento, aparece orientada em sentido contrário.

O facto de em português, ao contrário de outras línguas (ver 4.2.4), a escrita final, o texto como objecto, ser sempre visto como um processo dinâmico da esquerda para a direita, equivalendo a de *trás* para a *frente*, reforça particularmente, quanto a nós, esta identificação.

Em inquéritos realizados⁽⁵⁾ e que a seguir se apresentam, pensamos ter encontrado a comprovação disto mesmo. Primeiro inquérito (**cão-bola-gato**):

Faça as duas legendas pedidas utilizando em cada legenda ou a expressão *está atrás* ou a expressão *está à frente*.

⁽⁵⁾ Realizados em várias turmas do 1º ano de Introdução aos Estudos Linguísticos (1997).

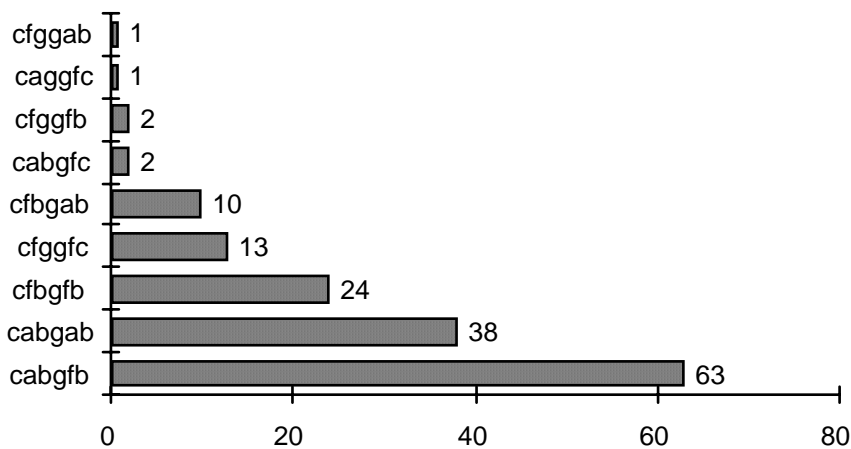


O cão _____

O gato _____

Existem dois objectos (sem movimento) situados um à esquerda e outro à direita de uma bola. Matematicamente e geometricamente a situação de ambos é em espelho e portanto tanto um como outro podem, da mesma forma, ser configurados *atrás* ou à *frente* da bola. No entanto, como facilmente se verifica através dos resultados apurados, o elemento à esquerda (cão) é preferencialmente identificado como *atrás da bola*, enquanto o da direita (gato) como à *frente da bola*.

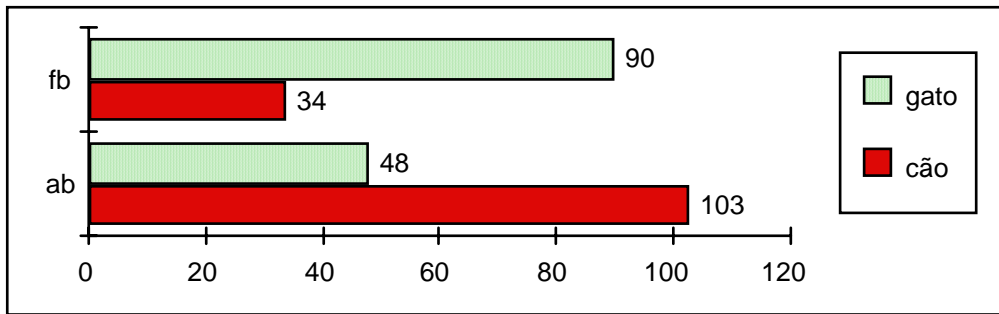
Os resultados (a seguir) mostram que, das configurações mais representativas, a configuração dominante (63 respostas) é exactamente



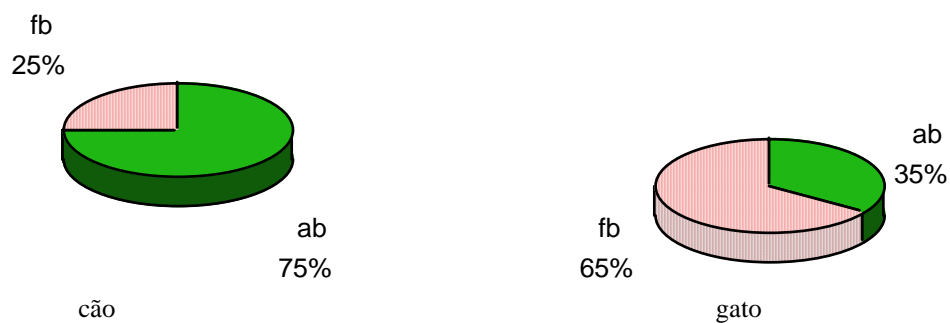
cabgfb (cão atrás da bola, gato à frente da bola); a oposta **cfbgab** (cão à frente da bola, gato atrás da bola) apenas obtém 10 respostas, sendo intermédias as outras configurações. Por outro lado, se quisermos recolher, de todas as configurações, todos os resultados **cab** (cão atrás da bola) e **cfb** (cão à frente da bola) para os compararmos com todos os **gab** (gato atrás da bola) e **gfb** (gato à frente da bola) temos:

	atrás da bola	à frente da bola
cão	103	34
gato	48	90

Comparativamente:



Em percentagem:



Não resta qualquer dúvida: o elemento à esquerda (cão) é maioritariamente identificado como estando *atrás da bola* (75% contra 25%), enquanto o da direita (gato), ao inverso, é maioritariamente situado *à frente da bola* (65% contra 35%). E isto apesar de os dois se encontrarem rigorosamente na mesma posição: voltados para a bola que está ao centro.

Para confirmar até que ponto o falante tem tendência para fazer esta identificação entre *esquerda=atrás*, *direita=à frente*, quisemos contrapor dois testes feitos em alturas diferentes:

O inquirido teria que descrever cada uma das figuras (figura 23: cão>bola=[c>b.]; figura 24: rato>bola=[r>b.]) com a expressão *está atrás* ou com *está à frente*.

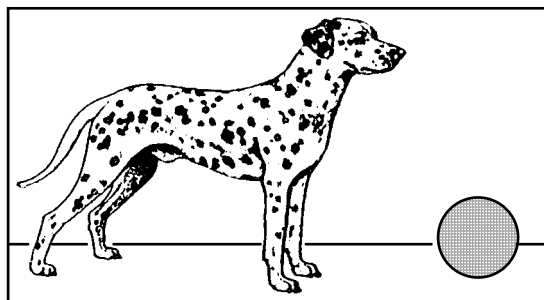


Figura 23

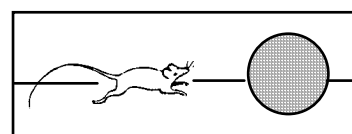


Figura 24

O objectivo inicial era comparar qual o objecto (animal ou bola) que seria maioritariamente escolhido para Configurante⁽⁶⁾.

Como cada animal está voltado para a bola, esperava-se que a configuração dominante fosse *O cão/rato está à frente da bola* ou então a equivalente *A bola está à frente do cão/rato*.

Porém, para grande surpresa, verificámos que era praticamente o inverso o que os resultados forneciam. Quer o cão, quer o rato eram maioritariamente colocados *atrás da bola*.

Para confirmar até que ponto os resultados variariam se os animais (cão/rato) mudassem de posição, uns meses depois foram apresentadas às mesmas turmas as mesmas situações, mas com os animais à direita da bola ($bola < cão = [b. < c]$; $bola < rato = [b. < r]$)⁽⁷⁾:

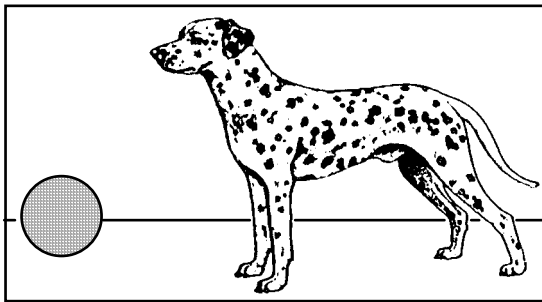


Figura 25

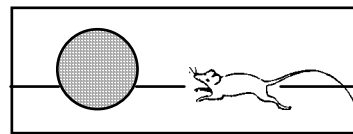
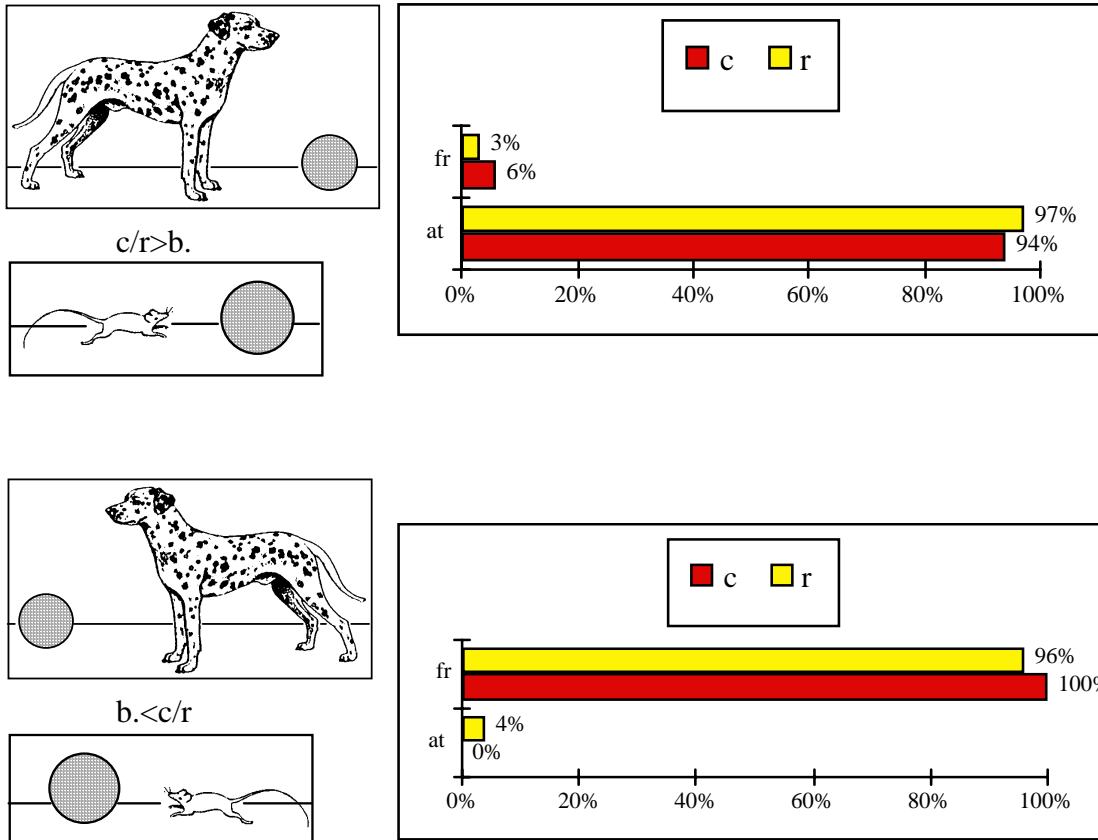


Figura 26

Para a sistematização dos resultados, tomámos como equivalentes as configurações *cão/rato atrás da bola = bola à frente do cão/rato*. Comparem-se, assim, os resultados da situação em que o cão e o rato estão, relativamente ao leitor, à esquerda da bola ($c/r > b.$) com os da situação em que cão e rato estão à direita da mesma bola ($b. < c/r$):

⁽⁶⁾ Por isso os testes terem sido feitos necessariamente em alturas diferentes. Se tivessem sido realizados na mesma ocasião, o inquirido poderia ser influenciado a escolher como Figura ou como Cfg da segunda situação os mesmos que teria escolhido na primeira (animal ou bola). Ao teste responderam 100 alunos.

⁽⁷⁾ Como a este último inquérito responderam menos alunos (embora fossem as mesmas as turmas inquiridas) os resultados são apresentados em percentagens. Evidentemente que aos inquiridos (alunos das turmas de Introdução aos Estudos Linguísticos que têm unicamente o português como língua mãe) não foi dito que este último inquérito era semelhante a outro que já tinham feito. Alguns, no entanto, disseram que já tinham respondido a "este" inquérito, confundindo-o com o anterior. Foi-lhes dito que, então, respondessem da mesma maneira.



A conclusão impõe-se esmagadoramente: quando o animal aparece, no teste e relativamente ao inquirido, **à esquerda da bola** ($c/r > b.$) ele é configurado quase exclusivamente (com percentagens sempre muito próximas dos 100%) *atrás da bola*; quando o **mesmo** animal aparece **à direita da bola** ($b. < c/r$) ele é configurado (praticamente) sempre *à frente da bola*.

É evidente que se tem que ter em atenção que este inquérito é um inquérito "em papel", ou seja: é um inquérito que embora apresente objectualmente os intervenientes, os apresenta num papel que também serve de suporte à escrita. Aceitamos facilmente que se diga que o inquirido tem a tendência de inserir as figuras **bola-cão/rato** numa linearidade que é influenciada pela linearidade da escrita e que os resultados poderiam ser ligeiramente diferentes se obtidos em situação real.

Ora isto não invalida o que se queria provar, antes o confirma. A saber:

- o falante do português tende a fazer uma equivalência espacial entre *à esquerda* \Rightarrow *atrás* e *à direita* \Rightarrow *à frente*;

- essa equivalência verifica-se na linearidade da escrita;

- este facto contribui para reforçar a referida equivalência para outras situações fora da escrita, na espacialização geral, através de um mecanismo de reforço em círculo vicioso.

O motivo pelo qual habitualmente se explica a associação cognitiva que fazemos entre *esquerda* e *atrás* é que nós, ocidentais, concebemos o tempo como uma espécie de movimento que evolui da esquerda para a direita.

Esta explicação parece-nos não só insuficiente como também não explicando a própria explicação: e por que é que é assim que concebemos o tempo?

Todas estas associações cognitivas provêm, a nosso ver, da antropomorfização espacial que nos serve para representar os mecanismos mentais mais básicos e nos quais os outros se inscrevem.

Ora a antropomorfização espacial sintetiza os três eixos estruturantes (verticalidade, frontalidade e lateralidade) não apenas espacialmente, mas também valorativamente: em cada um há um pólo positivo e outro negativo. Os positivos são *alto, frente, direita* e os negativos *baixo, atrás, esquerda*.

Alto é positivo porque a luz está no alto; a posição do homem relativamente aos outros animais é "ao alto"; na defesa de um ataque de um predador o homem defendia-se melhor de pé (ao alto) do que deitado. A vida (plantas, animais) cresce para o alto; o fim da vida implica a queda. Por isso é que os deuses e a eternidade estão no alto: nas montanhas (Olimpo) e nos céus.

A *frente* é o lado positivo porque é o lado das funções mais nobres e mais vitais do homem: é o lado onde se situam os órgãos que permitem a sobrevivência individual (boca, para a alimentação) e a da espécie (órgãos sexuais). Ao contrário, o *atrás* está ligado à defecação, ao negativo. É na frente que estão os olhos, órgão por excelência para o domínio e compreensão de toda a realidade que nos rodeia.

A simbologia da *direita* provém da importância atribuída aos membros desse lado. São prototipicamente e para a maioria dos homens os membros mais fortes, mais hábeis, capazes de uma melhor defesa e de um melhor ataque. São os membros nobres, relativamente aos da *esquerda*. Por isso é que a *direita* sempre representou a força, o poder, a perfeição, e a *esquerda* a debilidade, a fraqueza e a imperfeição. Basta recordar os valores de *sinistra* ou mesmo hoje do popular *escocho* que significa simultaneamente "pessoa que faz as coisas com a mão esquerda" e "torto, imperfeito".

Daí que os nossos arquétipos mais remotos façam equivaler valorativamente os vários pólos positivos destes três eixos (alto↔frente↔direita). Assim, a equivalência [direita↔frente] ao ser preferida pelas nossas línguas para a escrita, acaba por reforçar ainda mais estes mesmos mecanismos cognitivos.

4.2. Os modelos de *frente/trás*

4.2.1. Alguns dados da(s) experiência(s)

Como já fomos notando, a oposição visibilidade/ não-visibilidade pode desempenhar um papel fulcral na estruturação do eixo *frente/trás*. No entanto, há situações em que *à frente* não implica visibilidade: quando, por exemplo, está em causa o movimento como elemento orientador da direccionalidade:

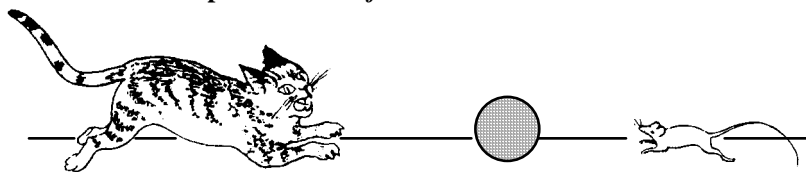
45) O ciclista passou por nós e já deve ir muito à frente.

46) Não vejo a Ana, mas deve estar lá à frente (num desfile, cortejo, fila de espera, etc.).

Isto parece, desde já, indicar que o eixo *frente/trás* não se organiza de uma forma única, mas que há ou pode haver vários modelos mentais responsáveis pela estruturação deste mesmo eixo.

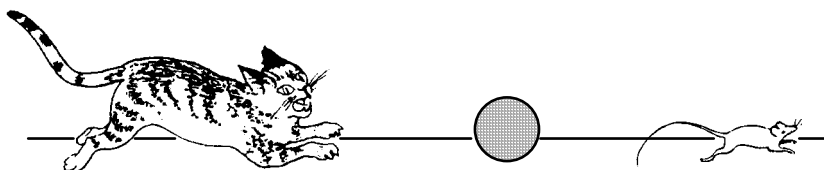
Na tentativa de melhor compreendermos as relações cognitivas que o falante projecta numa localização do eixo da frontalidade, fizemos alguns inquéritos⁽⁸⁾. Em dois deles havia duas situações bastante semelhantes e com os mesmos intervenientes. Numa, dois elementos intrinsecamente orientados (gato e rato) confluíam relativamente a uma bola e na outra, ainda com a bola ao meio, gato e rato tinham a mesma direcção de movimento. O teste em questão:

Para cada figura, faça as legendas pedidas (uma ou duas), utilizando em cada legenda ou a expressão *está atrás* ou a expressão *está à frente*.



O gato _____

O rato _____



⁽⁸⁾ Inquéritos feitos, em 1998, a alunos da disciplina de Introdução aos Estudos Linguísticos e que possuíssem apenas o português como língua mãe.

O gato _____

O rato _____

É evidente que múltiplas configurações podem ser feitas. Por exemplo, pode-se situar o gato relativamente à bola, relativamente ao rato ou relativamente aos dois. Mas para além destas possibilidades, há ainda variadas noções do que é *atrás* ou à *frente*. Ora era isto precisamente o que mais nos interessava.

Para melhor poderem, os resultados, ser manuseados, na indicação das configurações resultantes, servimo-nos das seguintes letras que representam por abreviatura os elementos presentes na situação:

g =gato; **r** = rato; **b** =bola; **a** =atrás; **f** = à frente.

Assim, uma configuração **gabrfb** equivale à resposta

O gato está **atrás** da **bola** e o rato à frente da **bola**.

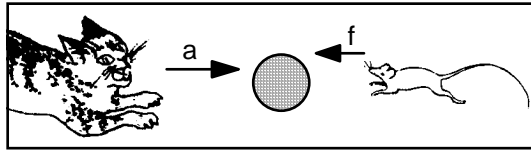
Aparecem também configurações em que há múltiplas localizações relativas entre os participantes. Para exemplificar:

gabbfrrabbfg = O gato está **atrás** da **bola** e a **bola** à frente do **rato** e o **rato** está **atrás** da **bola** e a **bola** à frente do gato.

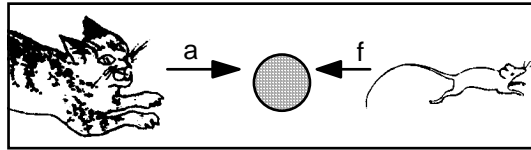
Numa primeira leitura, os resultados confirmam uma intuição que várias vezes aparece citada (embora raramente justificada e provada) em trabalhos sobre a espacialidade: numa mesma situação, podem-se estabelecer variadas relações de configuração espacial. Nessas configurações que os falantes organizam, há algumas que aparecem mais frequentemente do que outras.

Para se poder, em concreto, verificar a variedade de configurações que os falantes podem utilizar perante uma mesma situação, deixam-se, a seguir, em esquema, as configurações que os inquéritos revelaram.

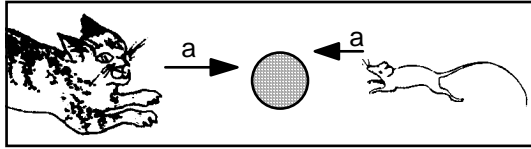
À esquerda, as da situação Gato>Bola<Rato (gato e rato correndo para a bola ao centro) e à direita as da situação Gato>Bola.>Rato (gato correndo para a bola e rato fugindo da bola). Quando uma configuração linguística foi comum às duas situações, os dois esquemas aparecem lado a lado. Quando aparece um esquema sem par, isso significa que aquela configuração não foi atribuída à outra situação. Para se ficar com uma primeira ideia comparativa, aparece indicado entre parênteses o número de respostas obtidas para cada configuração:



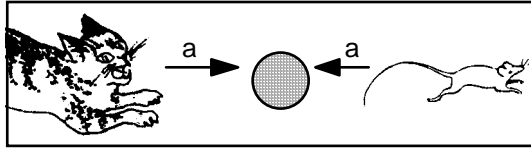
gabrfb (60)



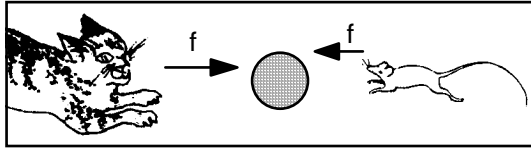
gabrfb (110)



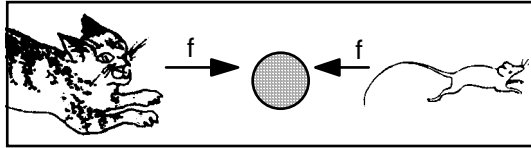
gabrab (57)



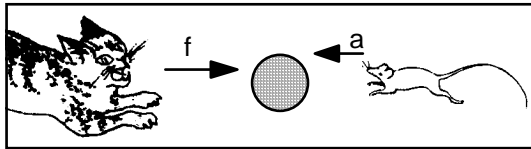
gabrab (1)



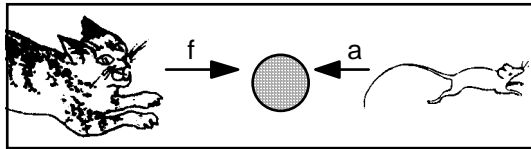
gfbrfb (17)



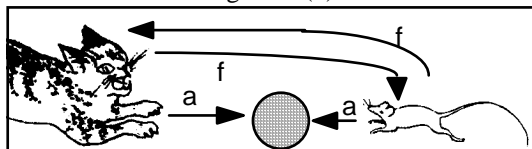
gfbrfb (7)



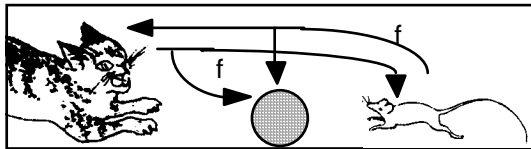
gfbrab (8)



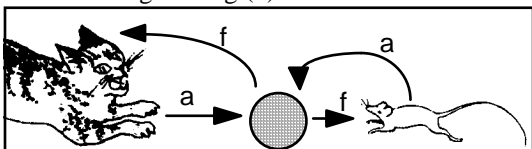
gfbrab (3)



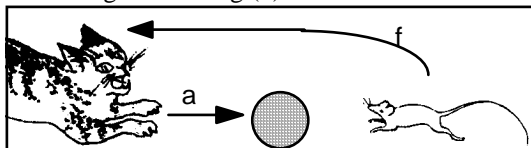
gabfrrabfg (2)



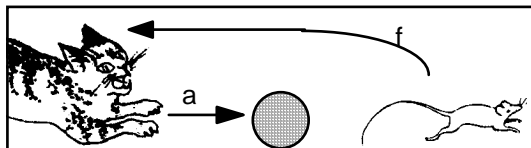
gfbrfbfg (2)



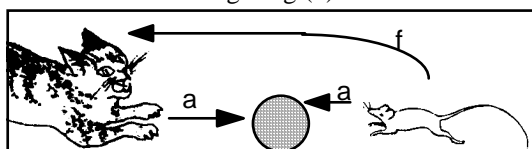
gabfrrabfg (1)



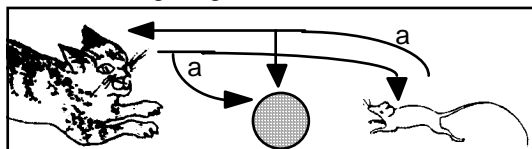
gabrfg (1)



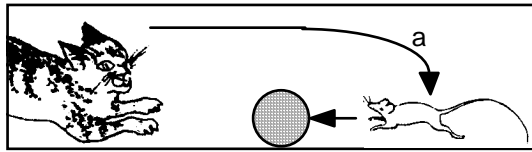
gabrfg (3)



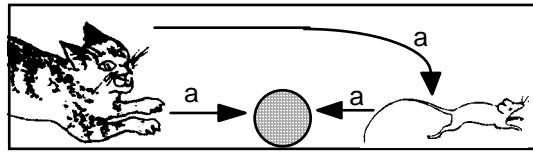
gabrfgab (1)



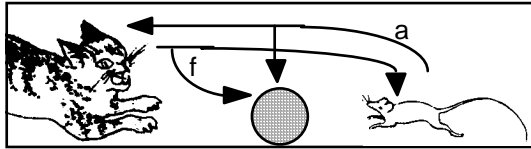
gabrrabg (1)



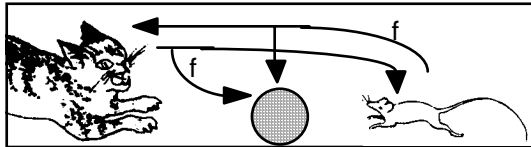
garrab (1)



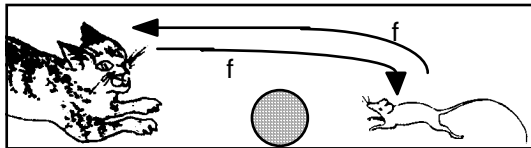
garrab (1)



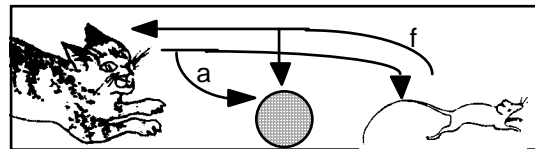
gabrrabg (1)



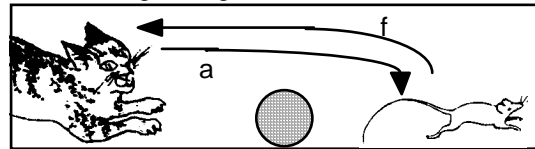
gfrbrfgb (1)



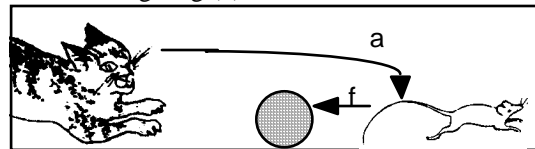
gfrrfg (1)



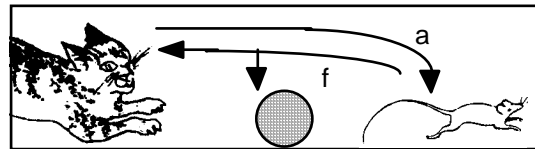
gabrrfbg (10)



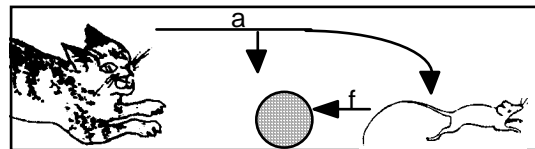
garrfg (5)



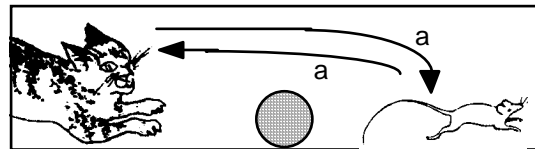
garrfb (4)



garrfbg (2)



gabrrfb(1)



garrag (1)

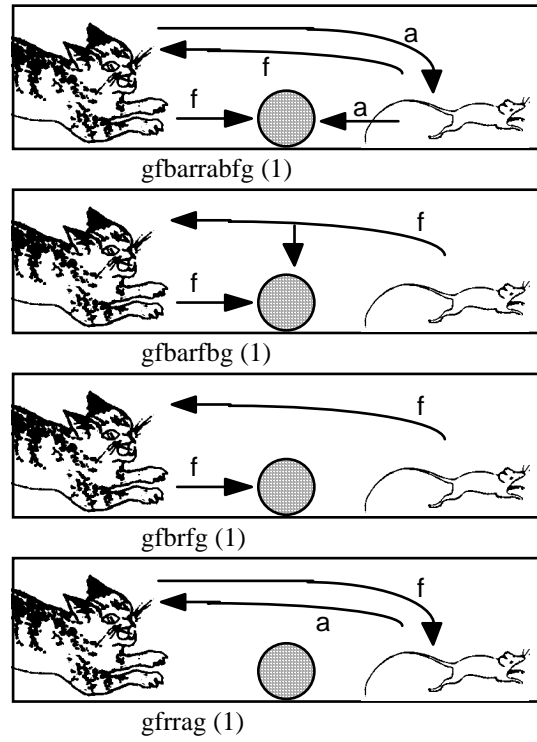
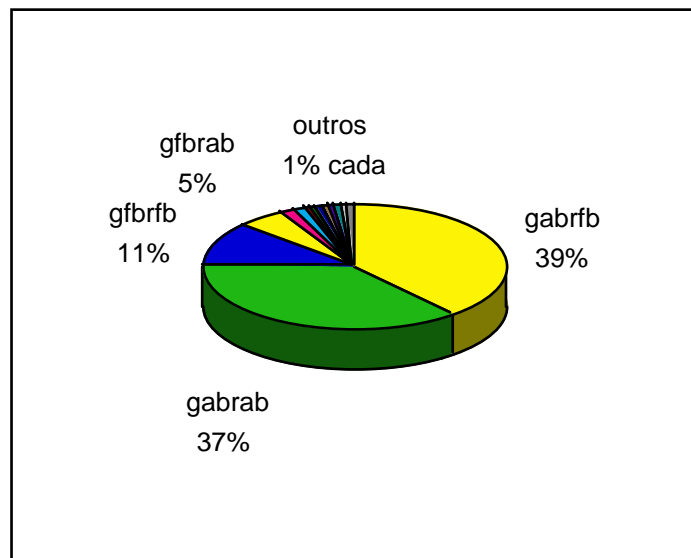
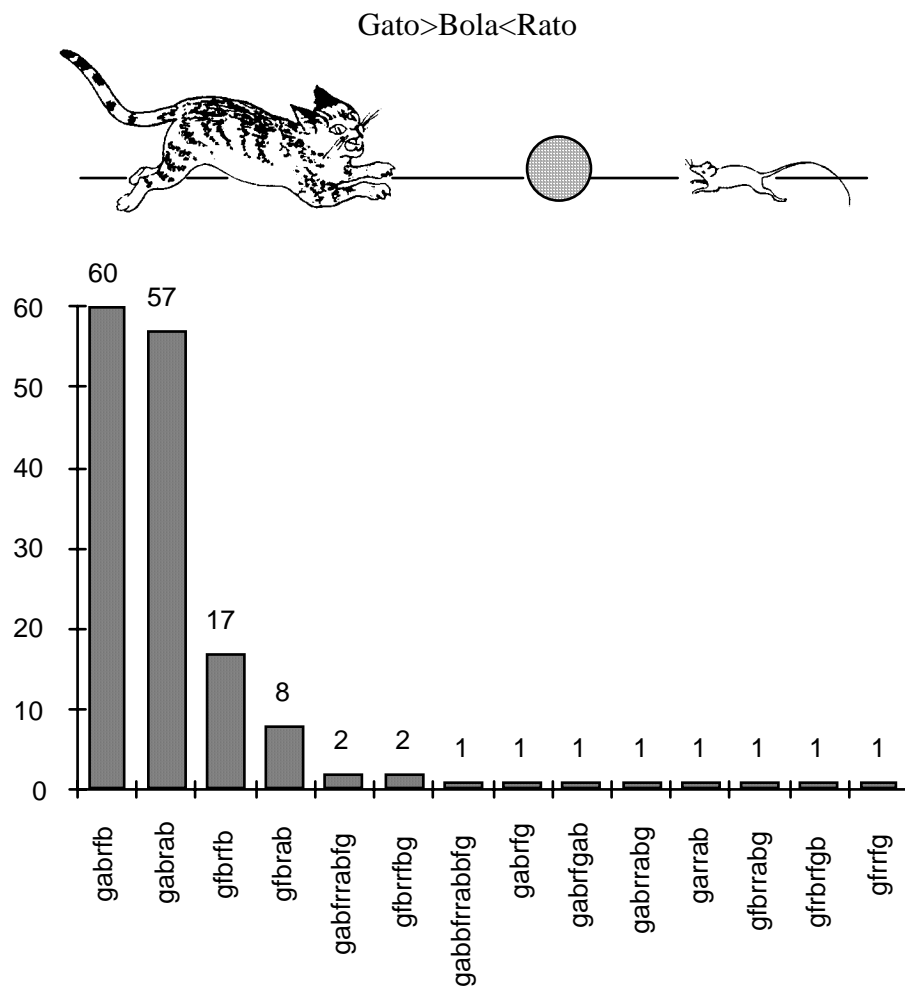


Figura 27

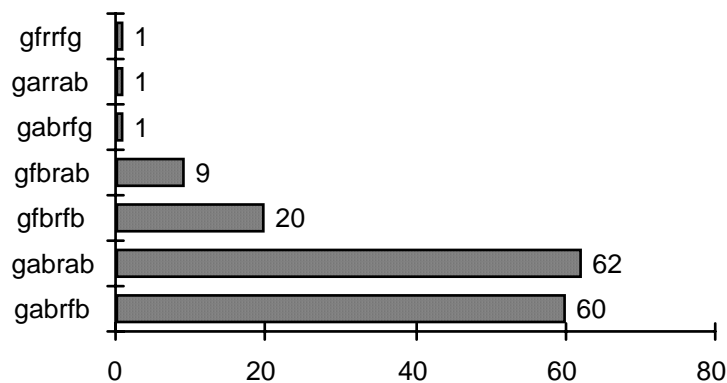
Resultados numéricos absolutos, relativos e percentuais:



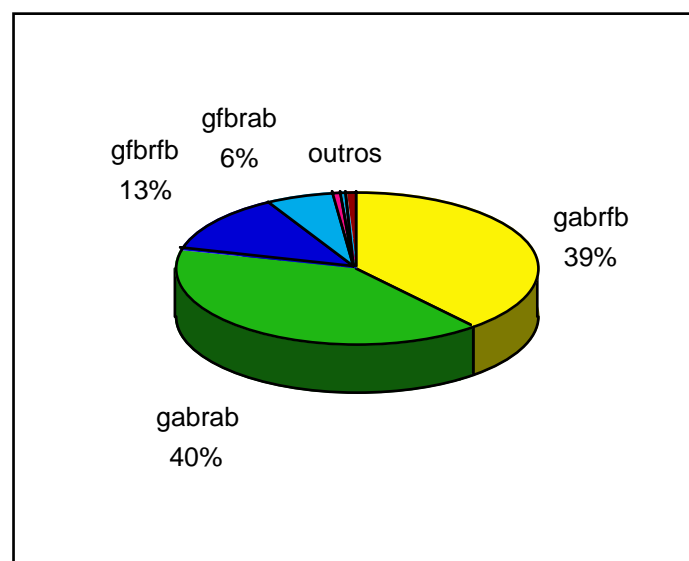
Como se verifica, em muitos casos a configuração não é feita apenas relativamente ao Configurante-bola, tomando igualmente por Configurante, isoladamente ou em conjunto, os outros intervenientes.

Assim, poderemos procurar reduzir o número de modelos em cada situação. Quando há outros objectos-Configurante para além da bola, podemos fazer que seja esta a representar o Configurante. Por exemplo, a configuração **gabrfgab** (=gato atrás da bola e rato à frente do gato e atrás da bola) situa o rato relativamente à bola, mas, além disso, também o situa relativamente ao gato. Como os dois elementos a situar (gato e rato) se encontram ambos configurados relativamente à bola, pode não se ter em consideração a configuração gato/rato e o modelo fica idêntico a um outro mais frequente, **gabrab**. Quando a bola não é o Configurante, em simultâneo, dos outros elementos, as configurações resultantes não podem ser identificadas com qualquer outra.

Tendo isto em consideração, os resultados podem ser apresentados em quadros-síntese que têm em conta os modelos mais utilizados:



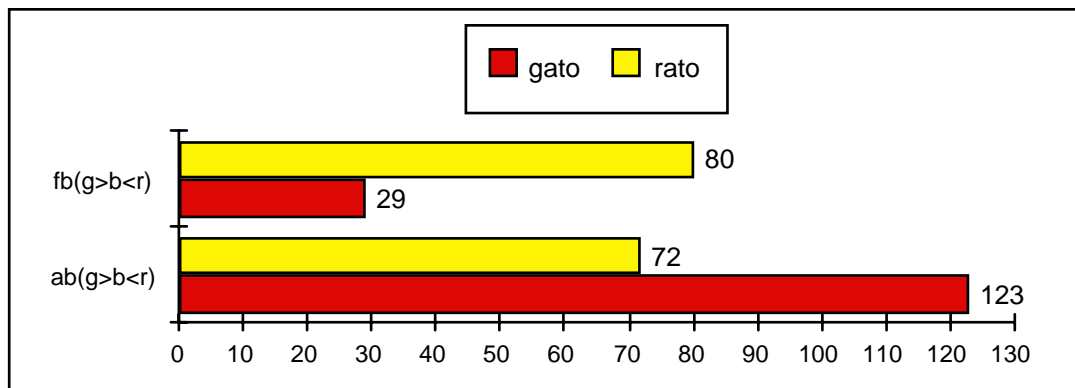
Quadro-síntese em percentagem:



Considerando os resultados, nota-se imediatamente que há dois modelos que se impõem: **gabrab** (*gato atrás da bola, rato atrás da bola*) e **gabrfb** (*gato atrás*

da bola, rato à frente da bola). Cada um representa cerca de 40% das respostas, o que significa que individualmente se equivalem (já que são preferidos por número praticamente idêntico de falantes), e que no seu conjunto representam a esmagadora maioria das respostas.

É curioso notar que embora a posição do gato e do rato sejam simétricas, em espelho, relativamente à bola, os dois não são localizados da mesma forma relativamente à mesma bola. Comparem-se os resultados totais nas relações "gato *atrás* ou à *frente* da bola" com "rato *atrás* ou à *frente* da bola":

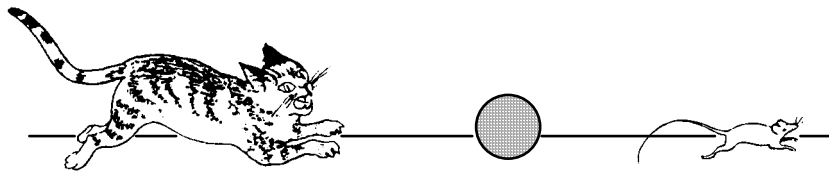


Como se vê, o gato é localizado preferencialmente *atrás* enquanto a localização do rato entre *atrás* e à *frente* da bola é sensivelmente a mesma.

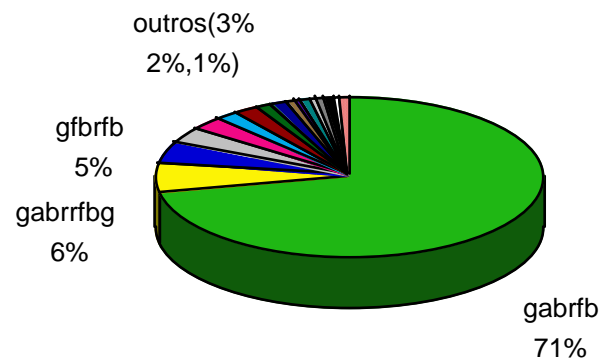
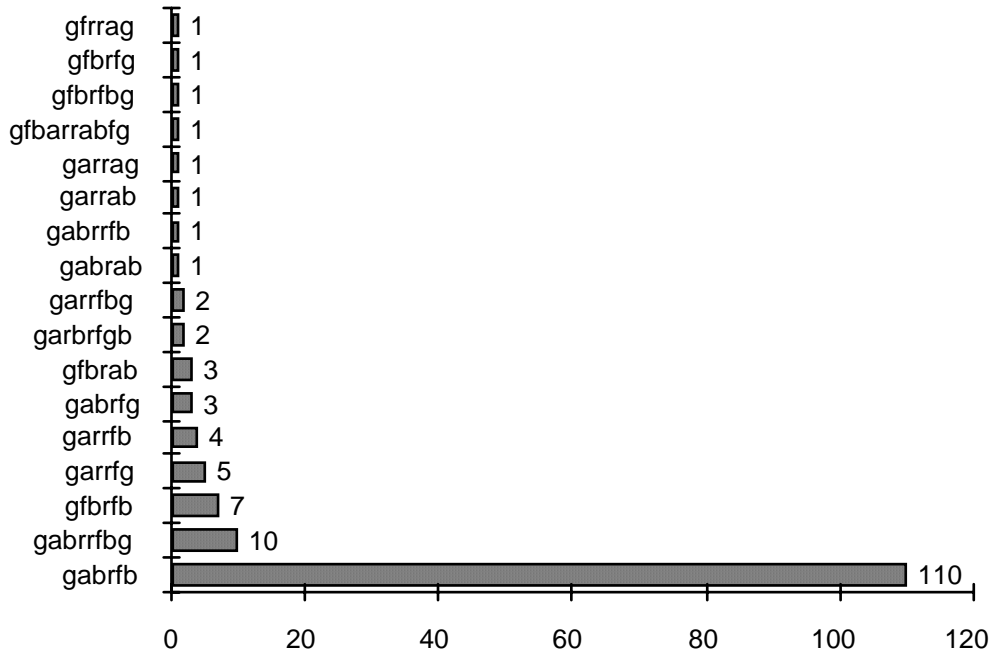
A partir destes dados, há duas conclusões que obrigatoriamente se impõem: a primeira é que perante dois elementos intrinsecamente orientados **na mesma posição relativamente a um objecto não orientado intrinsecamente** (bola) o elemento à esquerda do observador é preferencialmente, por larga maioria, situado *atrás*, enquanto o elemento da direita tende a ser situado à *frente*. Isto confirma em absoluto tudo o que já foi dito (4.1.3.) sobre a equivalência *direita/frente* que o observador/leitor tende a fazer. Uma outra conclusão que se impõe é que numa **mesma** situação, o **mesmo** elemento (neste caso, o rato) pode ser configurado à *frente* ou *atrás*. Isto implica, obviamente, que tem que haver mais do que um modelo mental que sirva de suporte ao eixo da frontalidade. Com efeito, se a noção de à *frente* fosse unívoca, sempre a mesma, o mesmo objecto, na mesma situação não podia simultaneamente estar *atrás* e à *frente* de um outro. Relativamente a esta problemática iremos propor em 4.2.2. e 4.2.3. a existência de vários modelos explicativos do vector da frontalidade.

A situação seguinte é figurativamente quase idêntica à até agora analisada. Há, no entanto, um "pormenor" que acarreta profundas modificações: mudando apenas a orientação do rato é introduzida a noção de movimento numa determinada direcção.

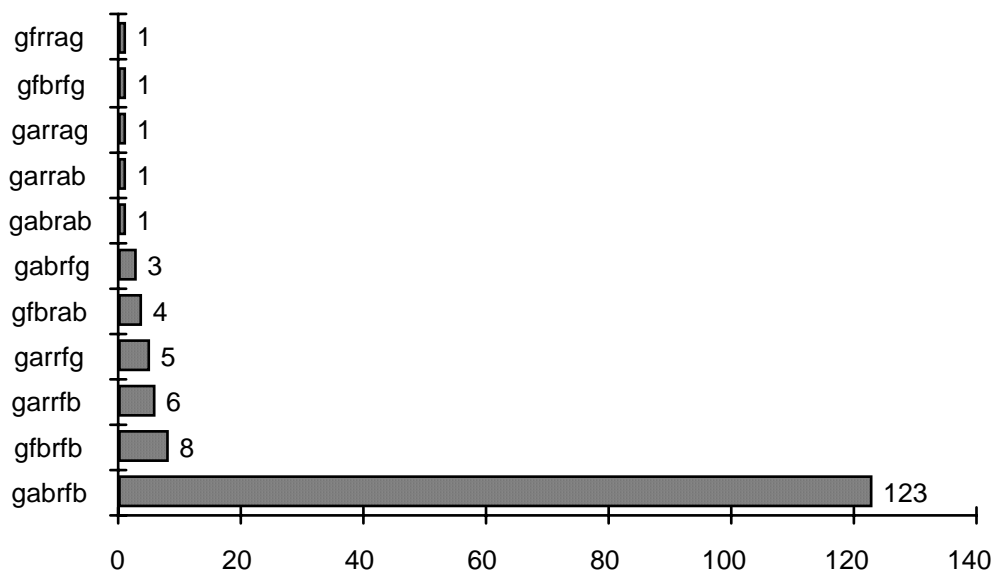
Gato>Bola Rato>



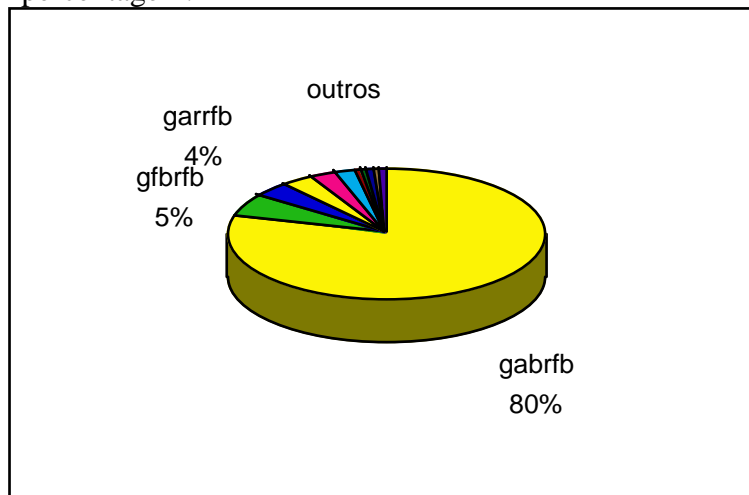
Resultados totais e percentuais:



Quadro síntese:



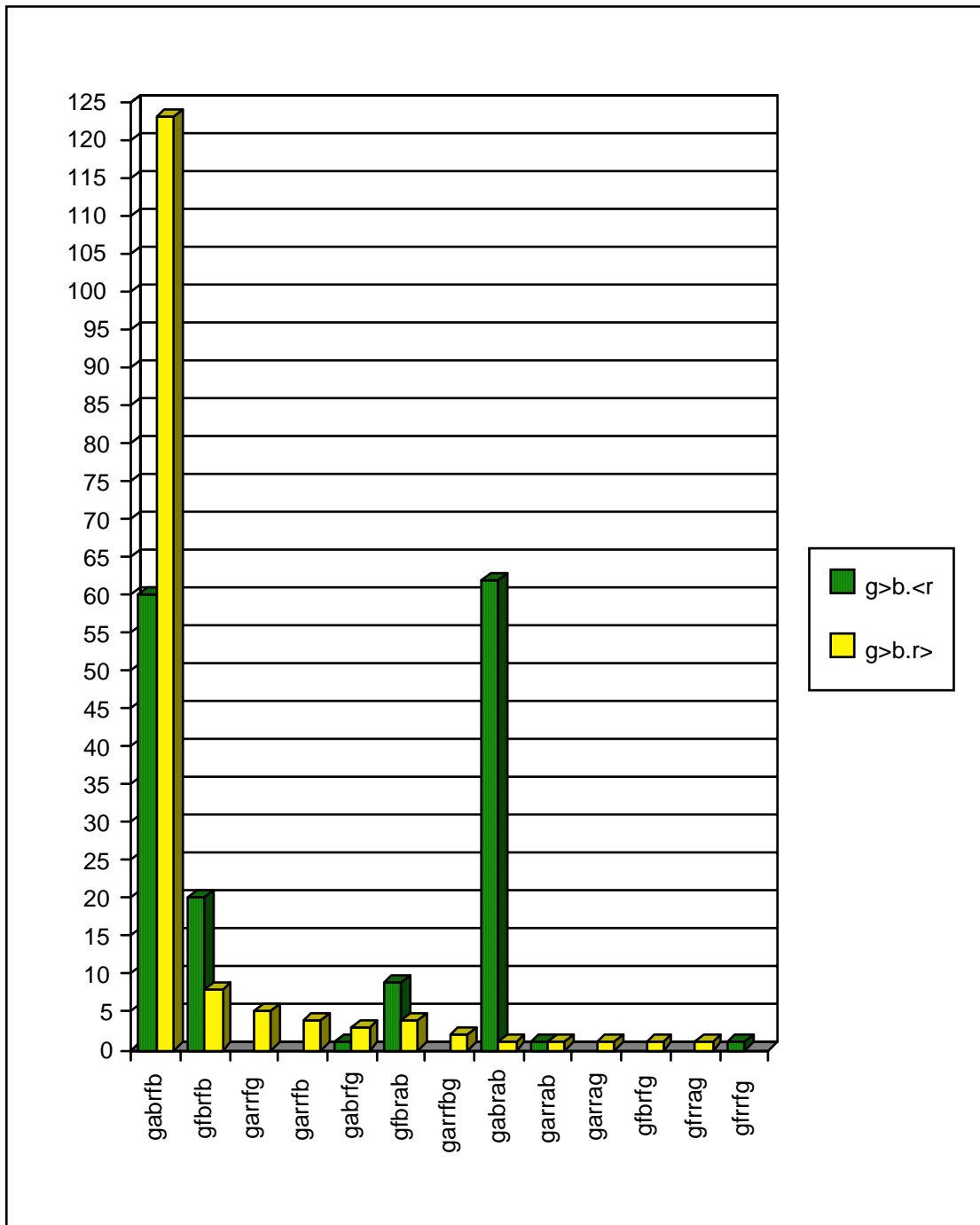
Em percentagem:



Como se verifica, há agora um modelo que se destaca esmagadoramente. A introdução do movimento com uma direccionalidade impõe uma determinada configuração (**gabrfb**), embora, como se vê, seja sempre possível a escolha de outras configurações, baseadas, naturalmente, noutros modelos mentais da espacialidade do eixo frontal.

Isto prova, desde já e sem qualquer margem para dúvidas, que na estruturação do(s) modelo(s) cognitivo(s) relativo(s) ao eixo da frontalidade o movimento desempenha um papel crucial. Assim o veremos.

Através de um gráfico comparativo dos dois quadros-síntese poderemos reforçar algumas conclusões finais:



1) Havendo movimento orientado direccionalmente (como na situação gato>bola.rato>) é o próprio movimento que estrutura a oposição *frente/trás*, tornando-se qualquer outro modelo apenas residual.

2) Não havendo movimento, ou **não possuindo este uma única direccionalidade** (como na situação gato>bola<rato) é provável que uma mesma situação possa ser representada através de configurações diferentes.

3) O mesmo objecto, na mesma situação, pode ser situado *atrás* ou *à frente* sensivelmente para o mesmo número de falantes.

4) Não parece confirmar-se um "dado adquirido" que muitas vezes é tido como inquestionável: duas figuras intrinsecamente orientadas situadas em espelho perante um objecto não intrinsecamente orientado (como na situação gato>bola<rato) nem sempre, nem prioritariamente são localizadas ambas *à frente* do respectivo objecto configurante (na situação referida apenas em 11% dos casos, como se pode ver no gráfico percentual).

A partir destes dados, pensamos ser da maior pertinência tentar identificar os (ou pelo menos os principais) modelos mentais que enformam o eixo da frontalidade e que nos permitem, perante uma mesma situação, localizar a Figura {X} *à frente* ou *atrás* do Configurante {Y}. Além disso, por que será que quando dizemos que *X está à frente de Y* não estamos necessariamente a dizer a mesma coisa, podendo mesmo, com aquela localização, referir configurações não apenas diferentes como antitéticas?

4.2.2. Os modelos estáticos

Como acabámos de verificar, uma mesma situação pode ser configurada de diversas formas, mesmo até de formas opostas entre si. Assim, perante a situação apresentada e tomando a perspectiva do locutor (LOC):

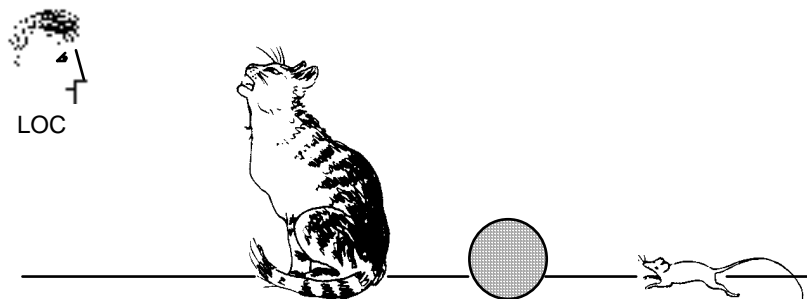


Figura 28

- 47) O gato está à minha frente.
- 48) Eu estou à frente do gato.
- 49) O gato está à frente da bola.
- 50) A bola está atrás do gato.
- 51) A bola está à frente do gato.
- 52) O rato está à frente da bola.
- 53) A bola está à frente do rato.
- 54) O rato está atrás da bola.
- 55) O gato está à frente do rato.
- 56) O rato está atrás do gato.
- 57) *O gato está atrás do rato.

58) O rato está à frente do gato.

Uma situação como a ilustrada prova, mais uma vez, não apenas a impossibilidade de configurar univocamente o eixo da frontalidade, mas também a possibilidade de configurações opostas, como mostram as verbalizações apresentadas.

Uma simples situação como a que agora se apresenta (em que há um observador que vê um gato, uma bola e um rato nas posições relativas que a figura 28 traduz) indicia já a complexidade de modelos que podem estar envolvidos nas configurações relativas à frontalidade.

E que modelos são esses que subjazem às configurações da frontalidade, presentes, concretamente, nas verbalizações expressas de 47) a 58)?

4.2.2.1. O modelo original

O primeiro, mais "primitivo" com certeza, é o mais prototípico e por todos admitido como estando na origem da configuração geral do eixo da frontalidade. Chamemos-lhe **Modelo original**. É o modelo que opõe *frente/trás* baseando-se na constituição corpórea do ser humano, do modo que a figura 29 representa:

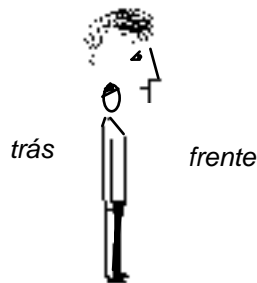


Figura 29

Este modelo, através de um processo de projecção, pode aplicar-se a qualquer realidade, animada ou não, atribuindo uma antropomorfização que pode ser total (uma escultura, grande parte dos animais) ou parcial (uma cadeira, uma televisão).

É este modelo que subjaz às frases 47) e 48).

A noção de *frente/trás*, em todas as línguas do mundo, terá que estar, necessariamente, relacionada com a realidade física constitutiva do ser humano. Não é de estranhar, no entanto, que haja uma grande coincidência, mesmo entre línguas de famílias muito diferentes, na escolha das partes corpóreas que servem de marcos referenciadores para a constituição do eixo em questão (*frente/trás*). Nos dois quadros a seguir apresentados (adaptados de Svorou, 1994: 249-251), pode comprovar-se isso mesmo:

		FRENTE	
Part. do corpo	Língua		
cara	Bari	<i>i kOmÕ na</i> , em frente de, diante	<i>i=em+kOmÕ=cara+na=POSS</i>
	Car	<i>i kú:</i> , em frente de	<i>i=em+kú:=cara</i>
	Halia	<i>i matana</i> , em frente de	<i>i=em+mata=olho,cara, frente+na=SUF</i>
	Haka	<i>hmai lé ya</i> , na frente de	<i>am-hmai=cara+lé=lado, direc-ção, posição+ -a=em, para</i>
	Ilha Carib	<i>l-igíbugië</i> , enfrentando-o	<i>l-igíbu=cara dele+gië=de, perante</i>
	Karok	<i>á:vkam</i> , em frente de, à frente	<i>á:v=cara+kam, lado</i>
	Chalcatong o Mixtec	<i>nüü</i> , em frente de	<i>nüü= cara</i>
	Ewe	<i>nkúmè</i> , perante	<i>nkúmè= cara</i>
	Igbo	<i>nihu</i> , em frente de	<i>na= em+cara</i>
	Margi	<i>á wà(r)</i> , perante	<i>a=em, + wà=cara+-r (GEN)</i>
	Hebr. Bib.	<i>lipnê</i> , na presença de <i>mippenê</i> , de diante,de (origem) <i>millpnê</i> , a presença de	<i>li=-em; mi=-de+panîn= cara</i>
peito	Karok	<i>iTvá:ykam</i> , em frente de	<i>iTvá:y= peito/s de pessoas, tórax, coração, +kam= lado</i>
	Papago	<i>-ba:'cO</i> , em frente de	<i>-ba:'cO= peito</i>
	Finlandês	<i>rinnalla</i> , em frente de <i>rinnalle</i> , para a frente de <i>rinnalta</i> , da frente de	<i>rinta=peito+CASO</i>
	Hausa	<i>gàbán</i> , em frente de	<i>gàbá= peito, + -n (Gén. Masc.)</i>
Testa	Pidgin da Melanésia	<i>fOrEd IÕ</i> , em frente de	<i>fOrEd = testa (<ingl. forehead) +IÕ = em, para</i>
	Nimboran	<i>méuo</i> , em frente de	<i>méue= testa</i>
	Latim	<i>frons, frontis</i> , frente	<i>frons, frontis= testa</i>
	Hausa	<i>gòshín</i> , perante	<i>gòshín= testa+ -n (GEN)</i>
Boca	Abkhaz	<i>a-ç'@`</i> , em, em frente de	<i>a-ç'@`= boca</i>
	Bihari	<i>muhe</i> , ir para a frente	Sânscrito <i>múkha</i> =boca, cara
	Tigre	<i>'@r'af</i> , antes	<i>'af=boca</i>
	Kung	<i>ts'i</i> , em frente de	<i>ts'i=boca</i>
	Ewe	<i>nu</i> , diante	<i>nu=boca</i>
Olhos	Abkhaz	<i>-a-la</i> , em, para, em frente de	<i>a-là=olho (?)</i>
	Vai	<i>ja'à</i> , em frente de	<i>àjá=olhos dele</i>
Cabeça	Maasai	<i>dukuja</i> , em frente	<i>en-dukuja=cabeça</i>

O português e outras línguas derivadas do latim (para além de línguas não latinas, como o inglês *in front of*) adoptam para marco frontal formas derivadas de *frons, frontis*. Embora em latim esta palavra também pudesse significar *cara, rosto*, o sentido mais prototípico, central era originariamente *testa*, como se pode comprovar lembrando que *fronto, onis* significava "aquele que tem a testa grande" e *frontem contrahere* significava "franzir a testa".

Relativamente ao vector oposto, (*a*)trás, as *costas* são o marco referenciador mais frequente:

		ATRÁS	
Part. do corpo	Língua		
Costas	Bari	<i>i ki'di~na</i> , atrás de	<i>i=em, para+ki'di~</i> =costas,dorso
	Basco	<i>gibelean</i> , atrás de	<i>gibel=costas+-ean</i> (Loc)
	Guaymi	<i>trokiri</i> , atrás de	<i>trö=costas+kiri=lado</i>
	Haka	<i>hnu lé ya</i> , por trás	<i>hnu=costas+lé=sítio+ya</i> (Poss)
	Halia	<i>i murina</i> , por trás	<i>i=em, para+muri=costas+na</i> (Adv Suf)
	Ilha Carib	<i>l-anágagië</i> , na parte de trás de	<i>l-anága=costas dele+-gië= em</i>
	Karok	<i>vásihkam</i> , por trás	<i>vásih=costas+kam=lado</i>
	Chal. Mix.	<i>yata</i> , por trás	<i>yata=costas humanas</i>
	Inglês	<i>behind</i> , detrás, por trás	<i>be=em+hind</i> , costas
	Finlandês	<i>takana</i> , por trás <i>takaa</i> , de (Orig) trás de <i>takakse</i> , para trás de	<i>taka=-costas+Caso</i>
	Indonésio	<i>dibelakang</i> , atrás de <i>kebelakang</i> , para trás de	<i>di=em,a+belakang=costas</i> <i>ke=para+belakang=costas</i>
	Maasai	<i>orio~</i> , por trás, atrás	<i>orio~</i> =costas, espinha
	Margi	<i>áyìr</i> , por trás, atrás	<i>a=em+yì=costas+ -r</i> (Gen)
	Welsh	<i>ar gefyn</i> , atrás de	<i>ar=em+kefyn=costas+ -e</i> (Gen)
Ânus	Papago	<i>'a'ai</i> , atrás de	<i>'a'at=ânus</i>
	Maasai	<i>saidi</i> , por trás, atrás <i>kurum</i> , por trás, atrás	<i>o-siadi o</i> =(Gén)+ânus <i>ol-kurum ol</i> =(Gén)+ânus
Rins	Tigre	<i>haqo</i> , depois	<i>haqw=rins</i>
Nádegas	Ilha Carib	<i>t-édegië</i> , por trás, atrás	<i>t-éde=nádegas+-gië</i> , de, por
	Shuswap	<i>-ep</i> , atrás, por baixo	<i>ep=nádegas</i>
	Vai	<i>kpáà'O</i> , atrás, por trás	<i>à kpáà=nádegas dele</i>
Ossos	Ilha Carib	<i>l-ábu</i> , atrás, suporte	<i>ábu=ossos</i>

E então, se quase todas as línguas fazem da cara/peito o elemento referenciador de *frente*, que elementos dessa região corpórea são cognitivamente marcantes para a constituição da noção de *frente*?

A questão afigura ser de solução tão óbvia que, à primeira vista, parece pouco ou nada pertinente.

A resposta mais frequente que se encontra e que pretende dar conta dessa "evidência" é a que indica o olhar como configurador da "frente":

devant: indique une position, à partir d'une référence où serait supposé se trouver le regard du sujet parlant, *orientée vers l'avant* dans le prolongement de ce regard.

[...]

derrière: indique une position à partir d'une référence où serait supposé se trouver le regard du sujet parlant, mais *orientée dans le sens opposé à l'axe du regard*. (Charaudeau 1992:430-431)

Definições como esta, que apenas têm em conta um dos elementos intervenientes em qualquer processo cognitivo, podem levar a concluir que os referidos

processos e as conceptualizações linguísticas que os codificam são realidades unívocas, simples e universais. Ora não é bem assim.

As definições como as de Charaudeau parecem esquecer-se de um pormenor que pode ser tido como caricato mas não é: a direcção do olhar e de todos os órgãos faciais pode mudar constantemente sem isso acarretar a modificação do eixo *frente/trás*. Se assim não fosse, seriam incompreensíveis sintagmas como "olhar para o lado" ou "olhar para trás"!

Como a direcção do olhar é variável, outros elementos terão que intervir: outros órgãos de sentido e as posições habituais de repouso ou movimento.

Assim, segundo Honrubia, que faz referência a Fillmore,

Para un animal el «frente» es la parte o cara que tiene el mayor número de órganos de percepción, y que llega primero cuando se pone en marcha según su movimiento característico. (Honrubia 1989:60)

Aqui já se conjugam "órgãos" e "posição de marcha". No entanto, pensamos que não é assim tão líquido a "frente" corresponder à maior quantidade de órgãos. A "qualidade" desses órgãos de percepção é um factor a ter em conta. Também aqui, uns valem mais do que outros. Pensamos que não é apenas o número de órgãos de percepção que conta, mas sobretudo a importância cognitiva que atribuímos a uns e não a outros. A visão, por exemplo, não pode ser considerada como um órgão igual a outros órgãos. Se um animal tivesse as orelhas voltadas para as costas (como muitos têm) e um buraco na nuca pelo qual cheirasse, desde que tivesse os olhos e a boca na posição habitual, ninguém teria dúvidas em assinalar a sua "frente". E neste caso teria um sentido (dois?) voltado para a frente (a boca representa órgãos de sentido?) e dois órgãos sensoriais para "trás".

É que, com efeito, a boca também é fundamental para se determinar a "frente". Todos os animais aprendem a reconhecer a localização da boca dos seus predadores ou inimigos como uma forma de defesa e de sobrevivência. A posição desta é bastante relevante para se "encarar" o outro. Nos seres humanos há ainda um factor suplementar para a valorização orientadora da boca: a linguagem. Os sons são concebidos como "saindo" da boca e tomando a mesma direcção do olhar. Não deixa de ser curiosa esta concepção, já que demonstra como os esquemas mentais com que nós percebemos a realidade são importantes, a tal ponto que nos fazem ver a "realidade" que nós construímos e não a que realmente existe. É que na verdade, fisicamente, não há qualquer semelhança entre a projecção do olhar e a dos sons pelos seres humanos. O olhar direcciona-se em faixa para a frente (e portanto **realmente** pode servir de marco direccional), mas o som das palavras propaga-se simultaneamente em todas as direcções:

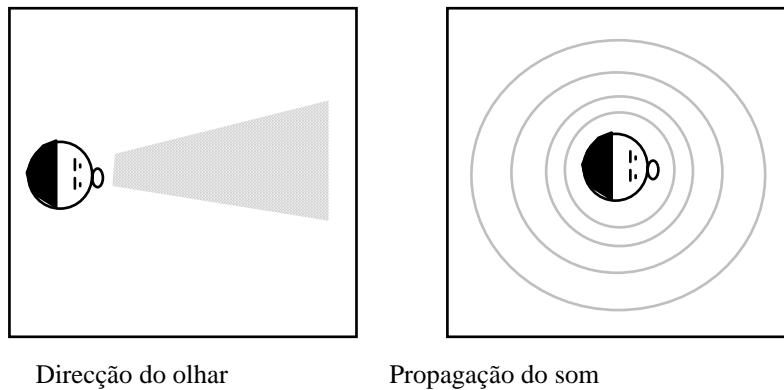


Figura 30

Para verificarmos o grau de importância ou o peso relativo que assumem os vários elementos constitutivos do modelo original da frontalidade, fizemos o seguinte teste⁽⁹⁾: pedimos, em três turmas de Introdução aos Estudos Linguísticos, que cada aluno imaginasse que encontrava um extra-terrestre que aparecia "retratado" em cada desenho. Cada figura representava um ser mais ou menos semelhante ao protótipo humano onde havia a considerar as relações entre os seguintes elementos antropomórficos, considerados fundamentais para a atribuição da *frente* ao ser humano:

Cabeça

- olhos
- boca
- ouvido
- nariz

Tronco

- peito/costas
- barriga

Membros

- braços (não orientados direccionalmente)
- pés (orientados direccionalmente)

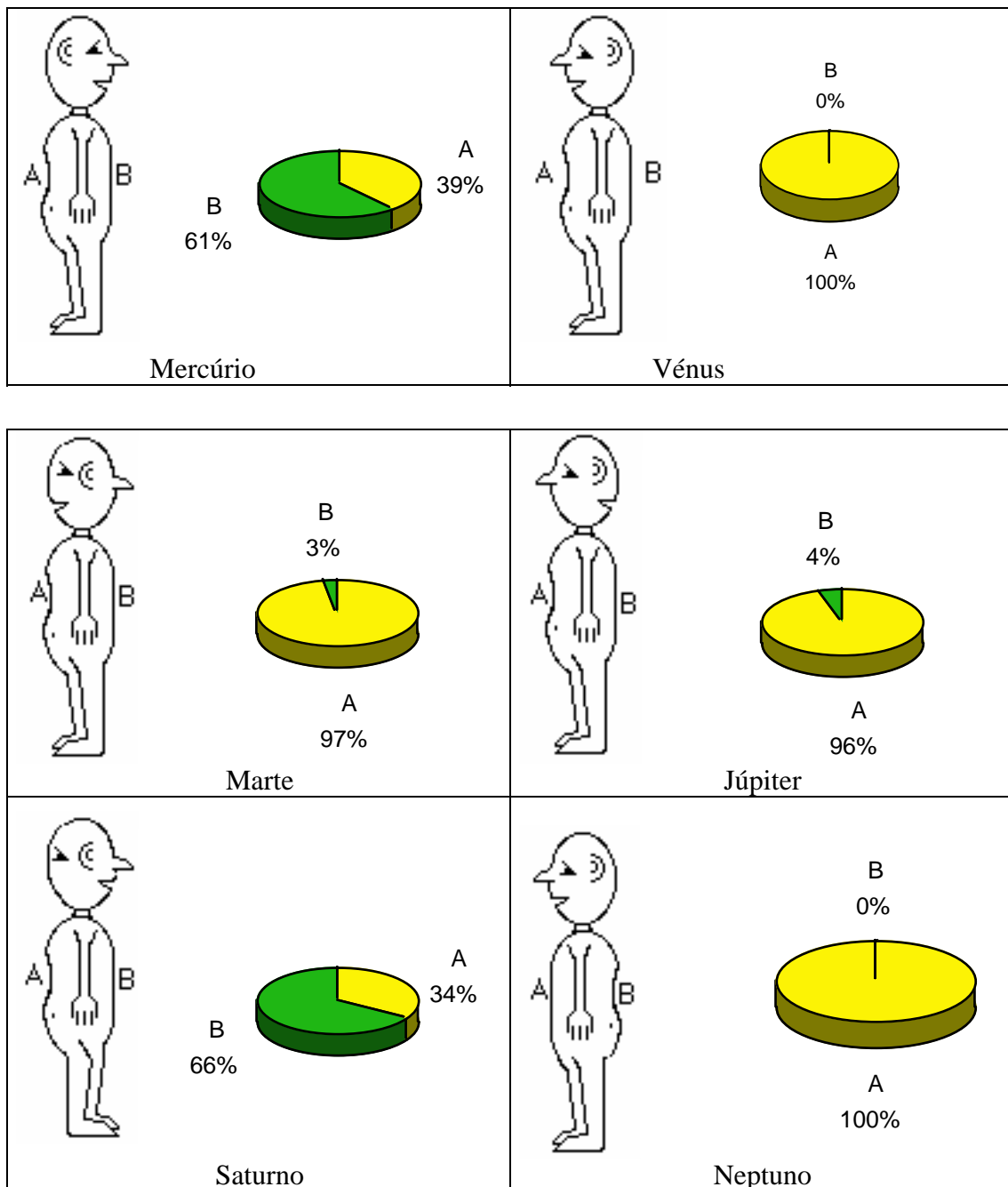
A relação entre cada uma destas partes divergia de figura para figura. O aluno deveria apenas assinalar com uma letra (A ou B) qual a parte que lhe parecia ser a *frente* desse ser alienígena. Para evitar comparações, as figuras foram projectadas separadamente, uma a uma, sendo igualmente pedida uma resposta rápida, em três ou quatro segundos, findos os quais a figura era retirada do retroprojector. Como é evidente, pediu-se que não comparassem as respostas com as dos colegas.

⁽⁹⁾ Inquérito feito, em 1997, a alunos da disciplina de Introdução aos Estudos Linguísticos e que possuísem apenas o português como língua-mãe.

Foi igualmente explicado, antes, que as figuras estavam nas suas posições habituais. Não havia figuras a olhar "para o lado" ou "para trás".

Os resultados devem ser lidos da seguinte forma: por exemplo, se para a figura que representa o habitante de Mercúrio aparece como resultado **A** 39% e **B** 61% isso significa que 39% dos inquiridos considerou que a *frente* da figura era a parte assinalada com a letra **A** e 61% considerou que a *frente* da mesma figura era a parte assinalada com a letra **B**.

Resultados



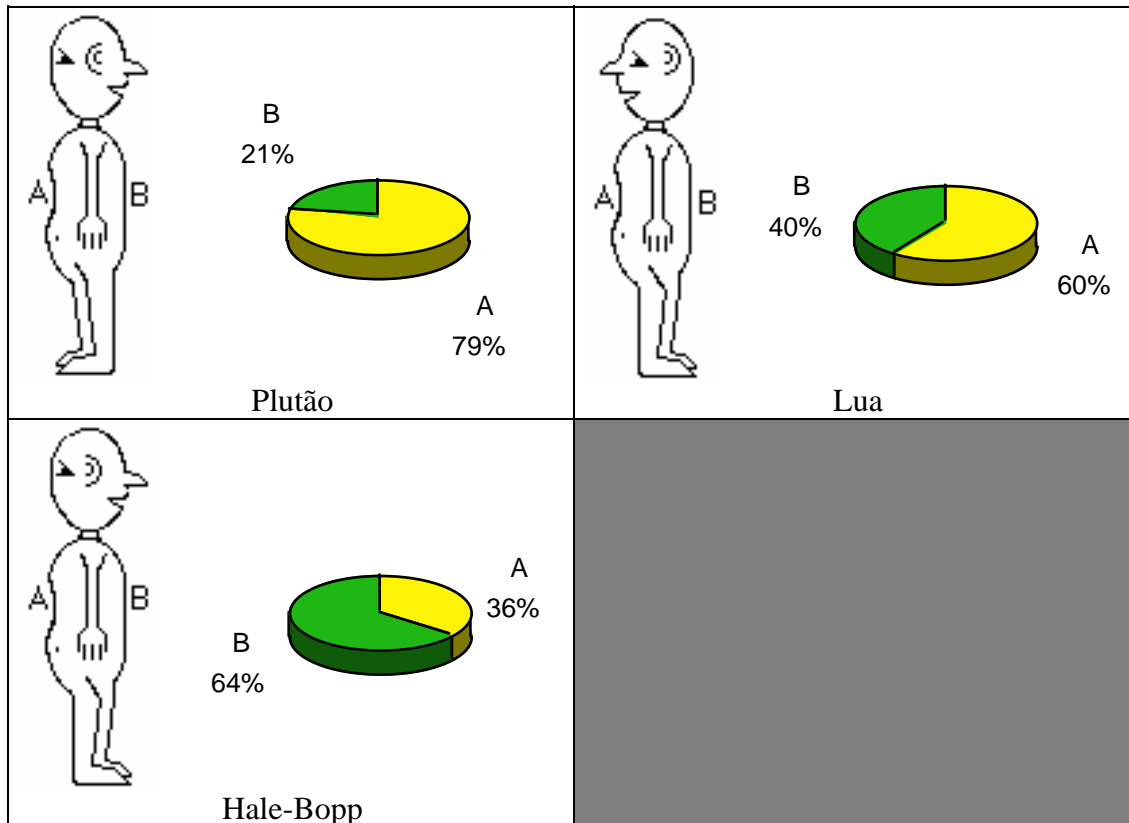


Figura 31

Algumas conclusões, a partir destas respostas, se impõem:

- 1) Fica evidente que a noção de *frente* não é unívoca entre os falantes;
- 2) A noção de *frente* é tanto mais coincidente entre os falantes quanto maior for a semelhança entre o objecto (ser animado ou inanimado) e o protótipo humano;
- 3) Ao contrário do que diria uma teoria das CNS não há nada que constitua um núcleo sémico composto de traços necessários para se estabelecer *a frente de X*. Assim, considerados individualmente um a um, não há nenhum elemento imprescindível na atribuição, mesmo maioritária, da *frente*. Uma parte pode ser a da *frente*

- sem ter os olhos (em Saturno, para 66% dos inquiridos)
- sem ter as orelhas (em Júpiter, para 96% dos inquiridos)
- sem ter a boca (em Júpiter, para 96% dos inquiridos)
- sem ter os pés em orientação canónica (em Mercúrio, para 61% dos inquiridos)
- sendo a relação barriga/costas a inversa da canónica (em Neptuno, para 100% dos inquiridos)

O facto de a construção da noção de *frente* não ter que ter obrigatoriamente qualquer destes elementos, podendo faltar sempre qualquer um deles (mas não todos

simultaneamente, como é óbvio) não implica que eles possuam todos o mesmo peso orientador. Pelos resultados obtidos conclui-se que na configuração da *frente* as diversas partes intervenientes não possuem todas o mesma importância. Vamos examinar alguns resultados para provarmos este ponto de vista.

Assim, parece que as orelhas não são tidas em conta, já que havendo duas figuras exactamente iguais em tudo excepto nas orelhas (Saturno e Hale-Bopp) os falantes não só pouco divergiram na escolha da *frente*, como até, curiosamente, a figura que tinha as orelhas "direitas" teve menos dois pontos percentuais.

A relação peito/costas não parece ser também de primordial importância no estabelecimento dos pólos da frontalidade. Em Neptuno, as costas foram inseridas na *frente* pela totalidade dos inquiridos. Também pelas outras figuras se verifica que para os falantes aquilo que a língua faz (identificar *atrás* e *costas*) não implica que sejam estas últimas a determinarem o que é o *à frente* e o *atrás*.

A posição do nariz já parece deter maior importância. Nos imaginários habitantes de Marte apenas a orientação do nariz e das orelhas (confundidas com olhos?) levou alguns falantes (3%) a atribuírem a *frente* a essa parte.

Em Plutão, a junção da boca ao nariz e às orelhas foi suficiente para 21% de inquiridos considerarem que isso bastava para demarcar a *frente* da respectiva figura. Isto, além de corroborar o que se dizia sobre a relativa importância do nariz, aponta já também para um certo peso que a boca possui como órgão configurador da *frente*. Veja-se que em Júpiter, estando apenas a boca em oposição a todos os outros órgãos faciais e ainda em oposição aos pés, mesmo assim, para 4% dos inquiridos **apenas** a boca era suficiente para atribuir a essa parte a noção de *frente*.

Mas, indubitavelmente, os elementos mais importantes para a delimitação da *frente* do ser humano são os olhos e ... os pés.

É perfeitamente compreensível a importância atribuída à visão. Quando olhamos para alguém, para a respectiva *frente*, olhamos para os olhos. Este procedimento está inscrito no mais fundamental do nosso código genético, não sendo portanto culturalmente aprendido. Os próprios animais partilham connosco este comportamento instintivo que faz dos olhos o ponto central através do qual se encara o outro. E isto é tão importante, inclusive para a sobrevivência das espécies, que determinados animais desenvolveram "olhos" falsos (manchas que imitam olhos) no dorso para assim confundirem e enganarem os predadores e não serem atacados mesmo quando estão de costas.

Para testarmos a maior ou menor importância que os olhos possuem para a atribuição da *frente* a um ser vivo, juntamente com o inquirido dos "extra-terrestres" entregámos um outro em que se opunham dois elementos fulcrais da frontalidade: os olhos e a boca.

Para que fosse possível contrapor apenas aqueles dois elementos e não houvesse interferência de qualquer outro, "criou-se" uma cobra com a boca numa ponta e os olhos noutra (figura 32). Foi pedido

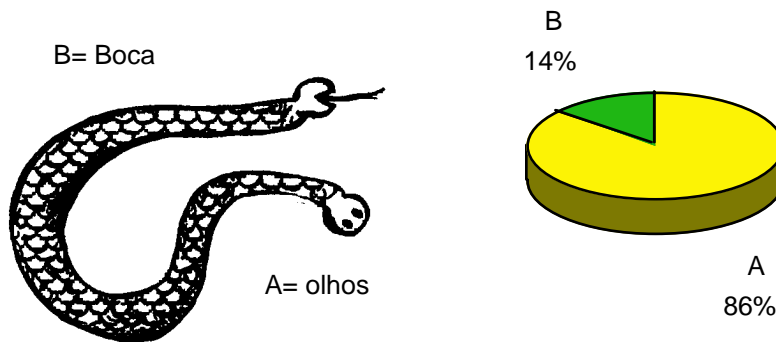


Figura 32

aos inquiridos que identificassem qual seria a verdadeira *frente* da cobra apresentada (os resultados percentuais aparecem à direita da figura 32). Não há qualquer dúvida de que os olhos são maioritariamente determinantes da noção prospectiva da frontalidade. Apenas para uma pequena parte dos falantes inquiridos (14%) a boca foi considerada mais determinante para se estabelecer a *frente* da cobra.

Mesmo assim, haverá algum motivo que cognitivamente justifique o facto de a boca ter sido considerada prioritária aqui e em algumas das outras situações nos inquiridos acima vistos? Evidentemente que sim. É que a boca é de decisiva importância não apenas para a sobrevivência do indivíduo como igualmente para os seus mecanismos de defesa: identificar a boca do atacante é o primeiro passo para dela nos defendermos.

O que pode ter causado estranheza é o facto de os inquiridos mostrarem que para a atribuição da *frente* às criaturas vistas foram de extraordinária importância ... os pés. Evidentemente que, ao contrário das situações anteriores, o determinante não é o sítio onde **estão** os pés, mas a **direcção** para onde estes estão voltados. Inconscientemente, os inquiridos associaram as duas realidades: a direcção dos pés implica a direcção do movimento. Nada havia a dizer que era assim: veja-se, por exemplo, a figura do "habitante" da Lua que é idêntico ao ser humano em tudo excepto na direcção para onde os pés estão voltados. Poderia acontecer que ele andasse na direcção dos olhos, nariz, boca e peito e não na direcção oposta para onde apontam os pés. Nada foi dito aos inquiridos sobre isto. No entanto, penso ser legítimo concluir-se que todos associaram inquestionavelmente estas duas realidades (direcção dos pés e do movimento) e daí os resultados obtidos.

Veja-se que a direcção para onde estão voltados os pés foi quase sempre a maioritariamente escolhida para *frente*. Apenas em dois casos isso não aconteceu: em

Mercúrio, onde a direcção dos pés e o peito se contrapunham a todos os outros órgãos faciais, e na Lua, onde a direcção dos pés se contrapunha a todos os outros elementos (órgãos faciais e peito). Mesmo assim, nestes dois casos, 40% dos falantes inquiridos acharam que a direcção dos pés era suficiente para justificar a faceta *frente*. E em Saturno, os pés, juntamente com as orelhas, o nariz e a boca, "ganharam" à outra parte, constituída pelos olhos e peito, por 66% contra 34%.

Isto prova a fundamental importância que a noção de movimento tem para estabelecer a oposição *frente/atrás*, ainda que seja apenas feita, tal prova, através de indícios indirectos: a direcção dos pés.

Em suma: o primeiro modelo da frontalidade é prototipicamente dado pela orientação habitual da figura humana: a *frente* é atribuída para onde, em posição canónica, estão voltados os pés, os olhos, a boca, o nariz e o peito.

4.2.2.2. O modelo da orientação situacional em espelho

Um outro modelo, a que se pode chamar **modelo de orientação situacional em espelho** (ou em simetria), decorre do primeiro: quando um objecto sem orientação intrínseca adquire uma orientação situacional por um processo de espelhamento de um objecto intrinsecamente orientado.

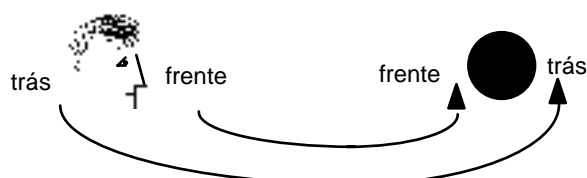


Figura 33

É este modelo que justifica a frase 52).

A simplicidade deste modelo resolve os problemas de configuração de objectos que, pela sua indiferenciação física, não possuem qualquer hipótese de lhes ser atribuída uma *frente* e uma parte de *trás*. Uma bola, um penedo, uma árvore passam, assim, a poder serem Configurantes porque adquirem situacionalmente uma determinada orientação:



Figura 34

59) *A bola está à frente do vaso.

Figura 35

60) A bola está à frente do vaso.

Para além desta orientação situacional, este modelo é responsável pela atribuição de orientações intrínsecas a objectos que figurativamente não são antropomorfizados: a *frente* de uma cómoda, de uma secretária, de um electrodoméstico é geralmente atribuída a partir da relação de enfrentamento que usualmente mantêm com o ser humano.

4.2.2.3. O modelo da visibilidade

A oposição *frente/trás*, para além da pura configuração locativa, espacial, acarreta determinadas vertentes que, em princípio secundárias, podem adquirir importância fulcral em certas variantes de modelos mentais da frontalidade. Estão neste caso as vertentes [visibilidade] e [acessibilidade] que o eixo em questão normalmente exige. Porque *frente* implica, prototipicamente, [visibilidade] e [acessibilidade] é que varia a aceitabilidade nas seguintes situações:

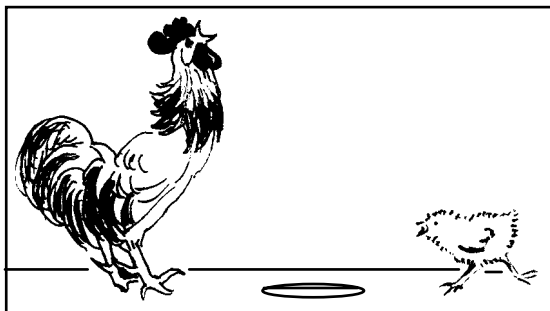


Figura 36

61) O pintainho está à frente do galo.

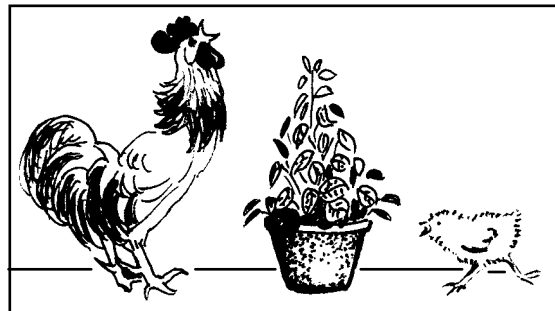


Figura 37

62) ?O pintainho está à frente do galo.

Imagine-se que em vez do vaso estava uma parede (ou uma cortina) que impedia a visibilidade e separava as duas aves. Não se podia definitivamente dizer que uma estava à *frente* da outra.

Será necessário, portanto, admitir um modelo estruturante do eixo *frente/trás* a que se pode chamar **modelo da visibilidade** por se basear na presença ou ausência do traço [visibilidade]/[acessibilidade]. Em esquema:

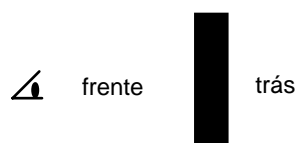
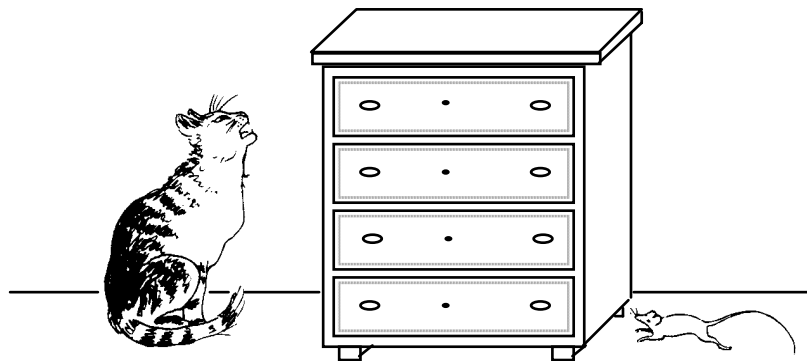


Figura 38

É este modelo o que suporta, por exemplo, a frase 54). Em determinadas circunstâncias, pode mesmo ser o modelo que se impõe, chegando até a ocupar outras áreas da localização que não a frontalidade. É o que acontece quando, por exemplo, ele anula qualquer orientação intrínseca que o objecto configurante possua impondo a sua própria estruturação espacial do eixo da frontalidade.

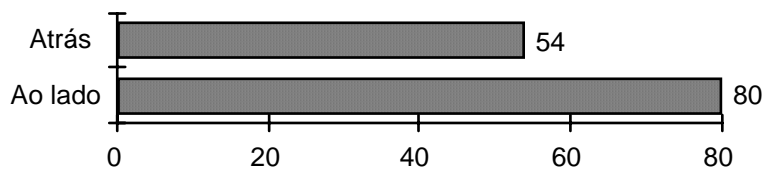
Para se confirmar a força deste modelo lembre-se o teste já apresentado e o que se viu sobre a anulação da orientação intrínseca dos objectos (3.7.4.):

Complete a frase que descreve a figura:



O rato escondeu-se do gato _____ do móvel.

Recorde-se que as respostas foram:



Isto prova que a [(não)visibilidade] pode ser suficiente para anular o eixo habitual da frontalidade (neste caso, para 40% dos inquiridos). Na verdade, o móvel é um objecto intrinsecamente orientado, tendo um *à frente* e um *atrás*: aquele coincide com a parte que faz habitualmente interface com os utilizadores humanos, por onde se puxam as gavetas, e o *atrás* é a parte oposta, geralmente inacessível e que fica contra a parede. Isto implica, naturalmente, que se tem o eixo *frente/trás* também tem necessariamente o eixo da lateralidade *esquerda/direita*.

Assim, nesta perspectiva intrínseca, o gato está à direita do móvel e o rato à esquerda. Se abandonarmos a perspectiva intrínseca do móvel e adoptarmos uma que tenha o observador/leitor como referência configurante, o gato está à esquerda e o rato à direita.

No entanto, quase metade dos falantes inquiridos anulou quer a perspectiva relativa à *frente* do móvel, quer a habitualmente chamada *deíctica* que toma o

observador como Configurante. Uma grande parte dos mesmos falantes (40%) optou por trocar os vectores habituais da frontalidade/lateralidade.

Temos assim dois eixos diferentes da frontalidade num mesmo objecto: um que é o que habitualmente possui e que constitui a sua orientação intrínseca; e outro que é imposto por um modelo que anula o eixo anterior:

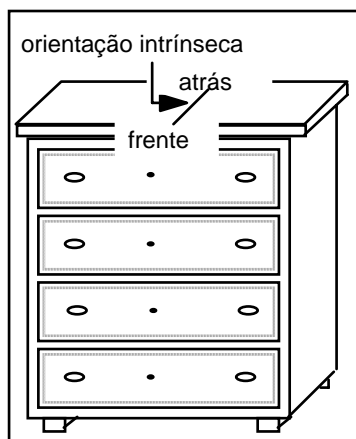


Figura 39

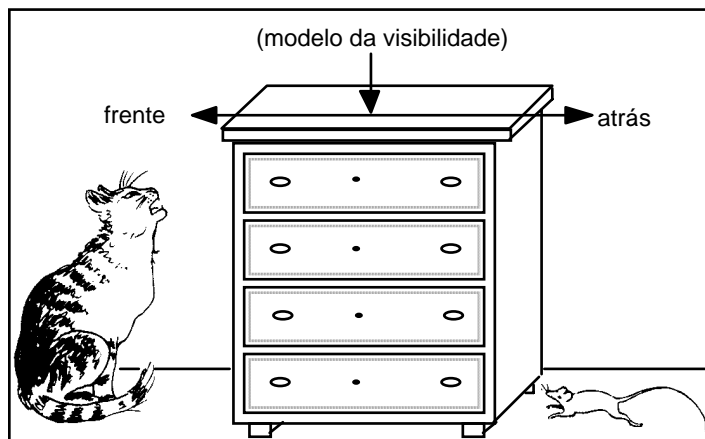


Figura 40

Estes resultados mostram como realmente é importante o conceito de "ocultação" (ou "inacessibilidade"), dentro da antinomia visibilidade/ não-visibilidade, para o estabelecimento da oposição à *frente/ atrás*. Tal conceito é tão vinculativo que, como se vê, pode impor a vertente *atrás* que consigo acarreta e anular outras orientações espaciais ainda que intrínsecas.

No inquérito referido houve uma resposta bem curiosa e que à primeira vista poderia ser considerada "não-aceitável": "atrás do lado direito", era lá que estava o rato. Ou seja: no modelo mental construído para retratar a situação, não havia incompatibilidade entre *atrás* e *lado direito*. Por outras palavras, o *lado direito* pode ser também e simultaneamente o *atrás*. Não podia haver melhor indício, digamos mesmo, prova, do que há pouco ficou dito: a [não-visibilidade]/[não acessibilidade] força a imposição do vector *atrás* no eixo da frontalidade, chegando mesmo a sobrepor-se a um outro eixo da espacialidade (a lateralidade).

A relação que este modelo tem com o modelo original é evidente: é uma relação de funcionalidade. No modelo original, a parte de *trás* também implica [não-visibilidade]/[não-acessibilidade] e a da *frente* o inverso.

Este modelo articula-se bem com o modelo de orientação situacional em espelho ou simetria, já que, como acontece em outras configurações espaciais, (ver, por exemplo, *aqui/aí/ali—lá/cá*, 1.5.4.2.) coaduna [visibilidade] com [acessibilidade]. Expliquemo-nos melhor.

Quando o objecto X se encontra a impedir a visão do objecto Y, dizemos que *Y está atrás/ detrás/ por trás de X*:

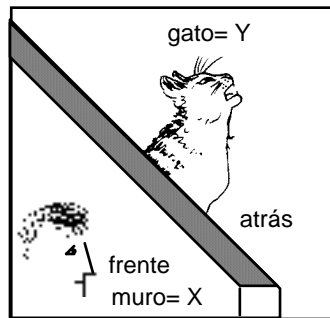


Figura 41

Mas imaginemos que, por exemplo, o muro era de vidro transparente. A configuração não se alterava, continuando o gato a estar *atrás do muro*.

A razão para isto acontecer assim é simples: em primeiro lugar, [não-visibilidade] fora substituída por [não-acessibilidade] directa, que funciona como traço quase equivalente para a manutenção do modelo. E por outro lado, a situação também pode ser suportada pela complementaridade que este modelo mantém com o já referido modelo de orientação situacional em simetria: A face da parede voltada para o observador é a *frente* e a outra a parte de *trás*. Quer-se dizer que de qualquer forma, {Y} continua sempre *atrás* de {X}.

A compatibilidade e complementaridade que este modelo da visibilidade mantém com o modelo de orientação situacional em espelho ou simetria pode levar-nos a confundi-los ou a pretender que os dois se resumem num só. Pode, à primeira vista, parecer que este modelo é o mesmo que o modelo anterior, só que com um observador ou focalizador. Ou seja, quando digo, por exemplo,

63) A bola está atrás do vidro.

o vidro passaria a ser um objecto orientado, conseqüentemente com *frente* e *atrás*. Caso isto acontecesse, nada distinguiria este modelo do anterior.

Ora isto não pode ser assim perspectivado, na medida em que os dois modelos assentam em componentes diferentes. O que estrutura o modelo de orientação situacional em simetria é a atribuição em espelho de uma orientação intrínseca, passando-se tudo entre os dois elementos básicos de uma configuração espacial: a Figura e o Configurante. Neste outro modelo, o da visibilidade, também se pode falar, de certo modo, de uma orientação intrínseca que o elemento não orientado pode ganhar. Só que essa orientação não funciona em simetria espelhada. É sempre atribuída a faceta *trás*, qualquer que seja a faceta dos objectos orientados em espelhamento:

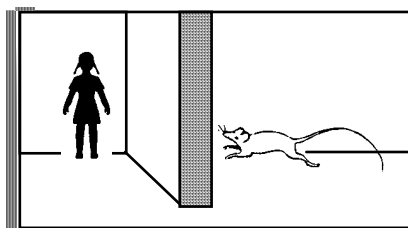


Figura 42

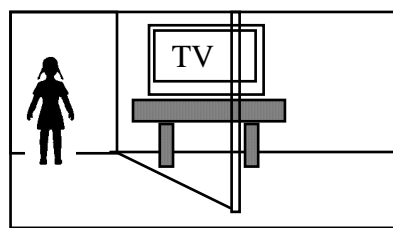


Figura 43

64) O rato escondeu-se atrás da parede.

65) A televisão está por trás do vidro.

Repare-se que as facetas dos objectos orientados (aqui *menina/rato* e *menina/televisão*) que estão em espelho com os configurantes (parede e vidro) são, respectivamente, *lado/frente* e *lado /lado (esquerdo)*. No entanto, a faceta dos Configurantes com que as Figuras (rato, televisão) espelham é sempre a parte de *trás* (*atrás, por trás*).

Na verdade, neste modelo da visibilidade não há a atribuição de uma orientação situacional. Mais: caso o objecto-Configurante possua uma orientação intrínseca ela é ignorada, sendo a *frente* a parte oposta à parte que oculta a Figura. O teste do gato-móvel-rato prova-o bem. O rato só pode estar *atrás* do móvel se se conceber a *frente* do móvel como o lado oposto àquele em que o mesmo rato está, esquecendo-se a *frente* intrínseca que o próprio móvel tem.

A modelização mental que este modelo traduz é para a nossa análise particularmente interessante, já que evidencia como realmente dentro da frontalidade há modelos cognitivamente assentes e estruturados em perspectivas diferenciadas. Repare-se que é este modelo que permite verbalizar a seguinte situação:

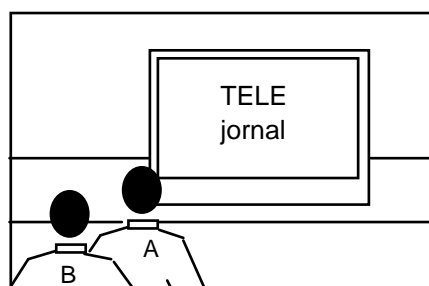


Figura 44

66) A- Estou à (na) tua frente?

B - Não. Não estás à (na) minha frente.

Pelo modelo original, {A} está inquestionavelmente *na frente/à frente* de {B}. Pelo modelo do movimento (ver a seguir, 4.2.3) é igualmente inquestionável que {A} está *na frente/à frente* de {B}. No entanto, e sem haver qualquer absurdo

linguístico, na perspectiva deste modelo {B} pode perfeitamente dizer que {A} não está à sua frente!

Mas a maior diferença deste modelo relativamente a todos os outros que aqui propomos, é que este exige não apenas dois elementos para a configuração, mas três: à Figura e ao Configurante tem que se juntar o elemento em relação ao qual todo o modelo se perspectiva. A esse elemento, interveniente na situação e que não é a Figura podendo também não coincidir com Configurante, dotado da faculdade da visualização (ou poder de acesso) vamos chamar-lhe o **focalizador**⁽¹⁰⁾. O esquema complementa, assim, o atrás apresentado:

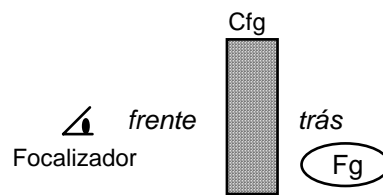


Figura 45

O facto de existir um focalizador não significa que o modelo só funciona quando este elemento exerce a sua prerrogativa visual, ou seja, quando o focalizador "observa". Ao inverso, prototipicamente, neste modelo, o focalizador não exerce a faculdade da visualização que possui (o rato (Fg) está *atrás* do móvel (Cfg) porque se supõe que o gato (focalizador) o não está a ver).

Prova que este modelo é sobretudo um submodelo derivado que assenta na vertente [(não)visibilidade] é o facto de ele não cobrir da mesma forma os dois vectores da frontalidade. Ou seja, ele "especializa-se" apenas no vector da retrospectividade (*a-por/de- +trás*), não servindo com a mesma aceitabilidade o vector oposto ou complementar:

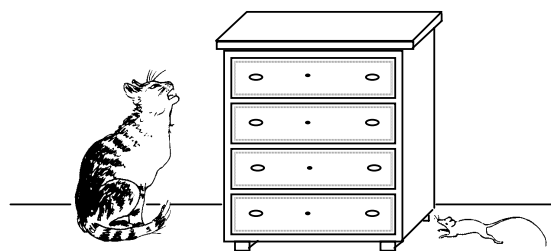


Figura 46

67) O rato está (escondido) atrás do móvel.

68) ?O gato está à frente do móvel.

(10) Optámos por este termo na medida em que traduz o elemento responsável pela visualização imprescindível à estruturação do modelo. Este elemento é, igualmente, o centro de convergência (por isso também *foco*) de toda a cena, na medida em que quer a Figura quer o Configurante se organizam e são configurados em função dele.

Como também já referimos, para este modelo a (não) visibilidade pode ser substituída pela equivalente (não) acessibilidade directa. Consequentemente, o focalizador também pode, em casos não prototípicos, não possuir a faculdade da visualização, detendo, em contrapartida, a do poder da acessibilidade. Podemos sempre imaginar um rato esperto que se esconde *atrás* de qualquer coisa para escapar a um gato cego, mas com faro.

De qualquer forma, quer a Figura, quer o focalizador podem deter os traços [\pm animado] e [\pm orientação intrínseca], sendo este último prototipicamente [+animado] e intrinsecamente orientado. Pode acontecer, no entanto, ser [-animado] e intrinsecamente não orientado. Neste caso, é [+acessibilidade] que substitui [+visibilidade] e a direcionalidade do olhar é substituída pela direcionalidade de um movimento. Isto implica que nestes casos o elemento substituto do focalizador é sempre dotado de movimento (real ou intencional), o que lhe confere uma determinada orientação:

69) Pusemo-nos atrás de uma duna para escapar à nortada.

70) O míssil não atingiu o avião porque este se escondeu atrás da montanha.

71) Para nos protegemos das ondas, nadámos atrás das rochas.

Embora neste modelo o movimento possa desempenhar, substitutivamente, o papel do focalizador, não pode, no entanto, globalmente o mesmo modelo ser entendido como um modelo dinâmico. Na verdade, os elementos intervenientes na configuração, Figuras e Configurantes, são perspectivados estaticamente, sem movimento obrigatório. O movimento existente é apenas substituto da direcionalidade da visualização do focalizador, não tendo de estar presente nas relações espaciais entre a Figura e o Configurante.

Aliás, a prova disso é que este modelo continua a traduzir relações espaciais Figura-Configurante e não relações temporais, como acontece quando se introduz o movimento.

4.2.2.4. O modelo do encaramento

Um outro modelo a propor pode ser apelidado de **modelo do encaramento**. Exige prototipicamente dois "objectos" humanos em situação de face a face, sendo um desses objectos geralmente constituído por vários elementos. Exemplo típico: orador/ouvintes.

Em esquema:

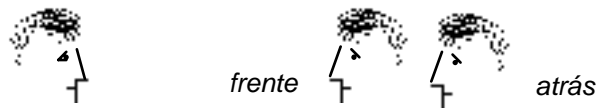


Figura 47

Neste modelo, *atrás* não se opõe visualmente a *à frente*. Quem está *atrás* pode estar também bem visível, pelo menos para o figurante relativamente ao qual se estrutura a configuração. Por isso, é que para a mesma situação, são possíveis frases aparentemente antitéticas:

72) O professor viu que lá atrás (=nas filas de trás) um par de namorados se beijava.

73) O professor viu que na sala de aula, mesmo à sua frente (=diante dos seus olhos, sem ser às escondidas), um par de namorados se beijava.

É indubitável que, de certa forma, este modelo contradiz o modelo prototípico. Na realidade, no modelo original *frente* e *atrás* inscrevem-se em sentidos direccionais opostos, enquanto neste os dois elementos do par opositivo parecem inscrever-se no mesmo sentido.

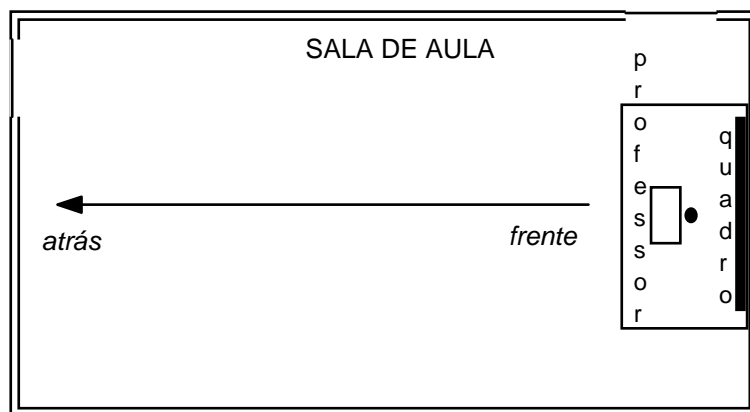


Figura 48

Os possíveis paradoxos deste modelo resultam do facto de ele se estruturar não apenas a partir de um único objecto intrinsecamente orientado, mas possuir obrigatoriamente, para além da Figura, dois "pré"-Configurantes que originam uma zona de configuração ou actuação (que passará a funcionar como Configurante).

Explique-se, então, qual é a realidade que faz de Configurante neste modelo. No caso concreto de uma sala de aula (um dos exemplos mais prototípicos) o que é que determina a relação *frente/(a)trás*?

A primeira resposta que surge é a de que esta relação é tão somente a habitual: *à frente* designa o "encaramento" com o professor, ou seja, quem está face-a-face com ele (primeira fila); um aluno, uma fila de alunos, estará *atrás* porque fica nas costas dos outros que, obviamente, estão *à frente*.

Ora as coisas não são assim tão simples. O processo é substancialmente diferente. Repare-se na seguinte "planta" de uma hipotética sala de aula:

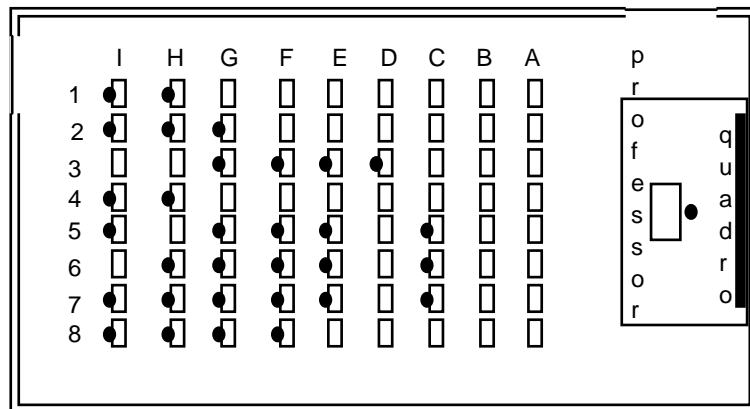


Figura 49

Se a configuração *frente/atrás* fosse estruturada, também aqui, somente pelo modelo original (a *frente* do professor), estaria à *frente* um aluno que não tivesse ninguém à *sua frente*. Ora isto não se passa assim: Há dois alunos da fila H (H1 e H4) que não têm ninguém nas respectivas frentes e não podem ser localizados, na sala, à *frente*. Por isso não é aceitável:

74) *Na fila H há alunos que estão à frente e outros que estão atrás.

É por isso que todos os alunos das filas H e I seriam sempre localizados *atrás* ainda que nas filas A, B, C, D, E, F, G não houvesse ninguém.

Dentro do mesmo âmbito, a fila da *frente* não é a primeira que tem alunos. Daí que não seja aceitável

75) *A fila C é a fila da frente.

já que a "fila da frente" é sempre a que está mais próxima da zona que serve de local Configurante, quer tenha pessoas ou não. Por isso mesmo, é que é aceitável

76) A fila A é a fila da frente, mas está vazia.

Como se comprova, não são, por conseguinte, as pessoas presentes (neste caso os alunos) que servem de referência para se atribuir as duas vertentes da frontalidade, *frente/atrás*, à sala. Será, então, a pessoa que preside, tida por "centro aglutinador" que projecta a sua frontalidade na sala? É que, repare-se num pormenor, a fila da *frente* coincide sempre com a *frente* do professor.

Não é preciso, no entanto, uma análise muito profunda para verificar que não é a figura humana —aqui o professor— que projecta a totalidade da sua orientação intrínseca sobre a sala. Para tanto basta considerar a aceitabilidade de

77) O quadro está na parede da **frente**, **atrás** do professor.

Vê-se imediatamente que o *atrás* do professor não coincide com o *atrás* da sala, mas antes com o oposto. Por outro lado, o eixo *frente* do professor não abarca apenas as primeiras filas, mas a totalidade: em posição canónica, todas as filas e todos os alunos estão à *frente* do professor, mesmo as filas mais *atrás*.

Forçosamente ter-se-á que concluir que, para além da frontalidade do possível Configurante humano "professor", existe uma outra frontalidade intrínseca à própria sala e que tem como ponto estruturador, se assim quisermos dizer, não um figurante, mas uma **zona de actuação** que determina a *frente*:

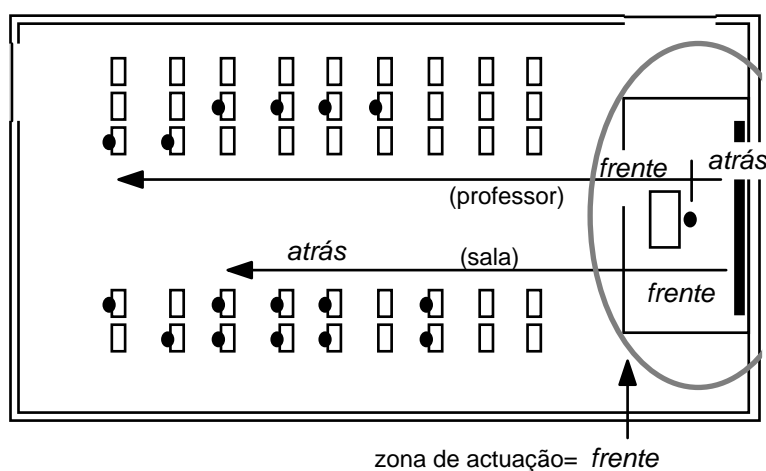


Figura 50

Assim, este modelo implica sempre que haja, presencial ou virtualmente dois elementos prototipicamente humanos: um que se situa na zona de actuação e outros que se situam **diante** dessa zona. E a palavra *diante* é a chave deste modelo, já que ele implica que a posição canónica é obrigatoriamente uma posição de face-a-face entre o elemento pertencente à zona de actuação e os outros elementos ordenados numa relação *frente/trás* relativamente a essa mesma zona de actuação. Daí a representação proposta (figura 47, antes apresentada) para o esquema que traduz este modelo:



É este mesmo modelo que enforma as relações configurativas à *frente/atrás* de todos os ajuntamentos humanos (ou animais) em que há uma ordenação relativamente a uma zona de actuação, como o esquema procura representar. Tanto

pode ser uma aula, uma multidão reunida à frente ou à volta de um orador ou simplesmente uma bicha de pessoas à espera de comprar pão fresco⁽¹¹⁾ .

Podemos, assim, verificar que neste modelo a oposição *frente/atrás* se estrutura sobre a oposição *proximidade/ afastamento* da **zona de actuação**. Por isso mesmo, este modelo da frontalidade é "contraditório" de alguma forma com outros modelos (o do movimento, por exemplo), em que a um maior afastamento pode corresponder a zona "mais à frente".

O facto de o elemento configurador da *frente* deste modelo não ser um ponto pertencente a uma recta, mas antes uma zona, leva a que a frontalidade não seja obrigatoriamente unidireccional, como em todos os outros, mas possa ser **multidireccional**.

Uma praça de touros é um exemplo concreto:

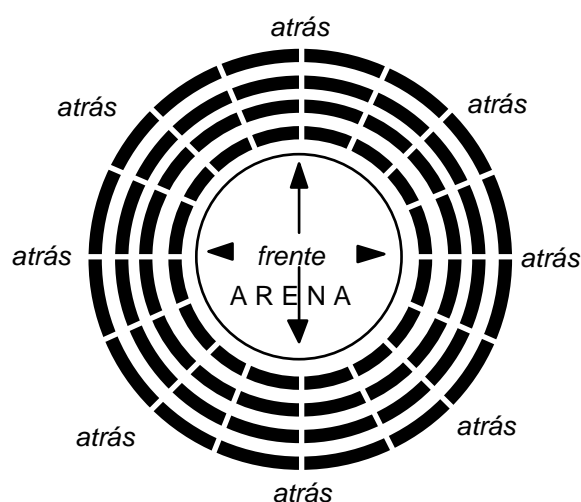


Figura 51

Foi dito há pouco que prototipicamente, neste modelo, a zona de actuação (que equivalerá ao Cfg) é estabelecida a partir do encaramento de dois elementos humanos, sendo plural um dos referidos elementos. No entanto, o modelo também funciona com outros elementos não humanos e não-animados, desde que se possam configurar numa situação de encaramento. É exactamente este facto que permite que se possa traduzir a seguinte situação pelas frases:

⁽¹¹⁾ Note-se que é este modelo de configuração do eixo *frente/trás* que distingue, no português europeu, *bicha* de *fila*. Actualmente a palavra *bicha*, para designar "fileira de pessoas" é muitas vezes preterida devido ao facto de também significar, sobretudo no português do Brasil, *homossexual masculino*. Muitas pessoas optam por utilizar sempre *fila* defendendo que, fora a dimensão sexual, significa o mesmo que *bicha*. Ora *bicha* e *fila* não significam a mesma coisa. Em *bicha* está presente este modelo mental da espacialidade que implica uma ordenação e uma relação à *frente/atrás*. Em *fila* tal não acontece. Por isso é que não se diz *Na avenida há duas bichas de árvores*, mas sim *Na avenida há duas filas de árvores*. É evidente que *fila* pode ter um desempenho idêntico a *bicha*, desde que se acrescente uma unidade lexical que forneça a informação que aquela *fila* é composta de objectos intrinsecamente orientados: uma *fila de carros*, uma *fila de pessoas*, etc...

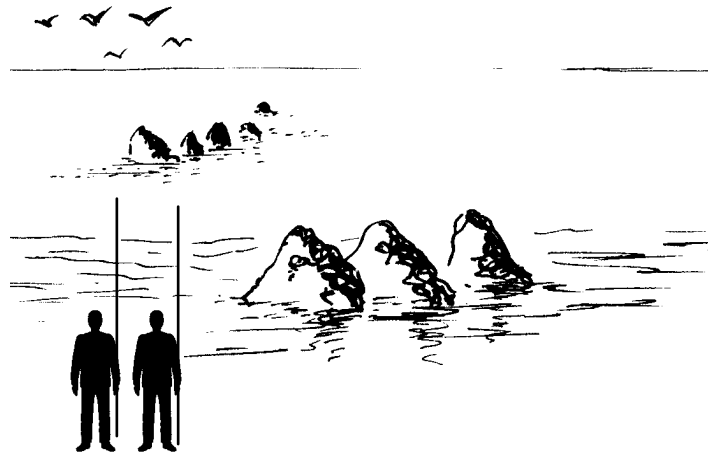


Figura 52

- 78) Nestes rochedos cá da frente há pouco peixe. Nos que ficam lá bem atrás é que há muito.
- 79) Há muito peixe naqueles rochedos lá atrás.
- 80) Há muito peixe nos últimos rochedos, lá bem atrás.

Note-se que a mesma situação pode ser traduzida de forma exactamente oposta:

- 81) Nestes rochedos cá de trás há pouco peixe. Nos que ficam lá bem à frente é que há muito.
- 82) Há muito peixe naqueles rochedos lá à frente.
- 83) Há muito peixe nos últimos rochedos, lá bem à frente.

Isto é possível porque pode haver dois modelos em jogo. As frases 81)-83) assentam no modelo do movimento (ver a seguir 4.2.3) ao pressuporem a distância a percorrer entre os pescadores e os rochedos. As anteriores, só podem ser entendidas a partir do modelo do encaramento, que faz do mar um objecto orientado e "faceando" com uma pessoa na praia para ele voltado. A praia, concretamente o sítio onde as ondas batem na areia, é, assim, a zona de actuação, tornando possível, deste modo, que as ondas *da frente* sejam as mais próximas da praia e as *de trás* sejam as que dela estão mais longe.

A aplicabilidade deste modelo a situações como a agora analisada ajuda-nos a compreender melhor o funcionamento do próprio modelo. É que numa situação prototípica como a da aula, a primeira justificação "evidente" que aparece é que uma fila de cadeiras/alunos está *atrás* de uma outra porque fica nas respectivas costas. É este um argumento correcto, mas que não explica correctamente a situação, já que há outros elementos envolvidos e que contribuem para construir um modelo localizador que depende de vários factores e não apenas de um. Agora, na situação da praia, não há "costas" de nada, e o mesmo modelo funciona. Isto prova, em primeiro lugar, que não

há apenas um elemento configurador (as costas dos alunos no modelo prototípico), mas um modelo de configuração resultante de vários elementos. Em segundo lugar, vê-se que o elemento Configurante no modelo é a *zona de actuação* a partir da qual todos os elementos são configurados, independentemente das respectivas posições relativas de encaramento: um aluno pode estar sentado de lado ou de costas na sala que isso não colide com o facto de estar *à frente* ou *atrás*; qualquer que seja a orientação dos dois pescadores que estão na praia, continuam válidas as seis frases (78)-83)) que legendam a figura 52.

4.2.3. O modelo dinâmico

Um quinto modelo que pode suportar as configurações da frontalidade é o que se baseia no movimento. Aparentemente, é aquele que, no seu funcionamento, menos está ligado aos modelos anteriores. Na verdade, para este modelo não interessa a posição do LOC ou de qualquer outro observador. O único vector estruturante é o do movimento do(s) objecto(s), desde que tal movimento se faça apenas numa única direcção e sentido. A figura representa uma situação típica: onde quer que se coloque o observador, o rato *está* (sempre) *à frente* da bola e esta *à frente* do gato:

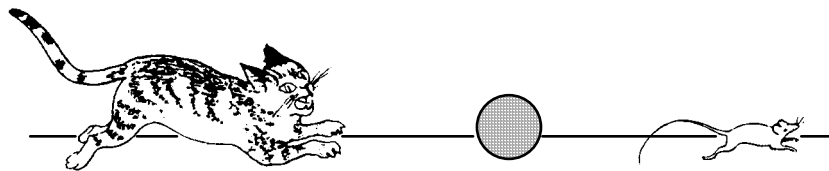


Figura 53

O esquema abaixo representa este quinto modelo:

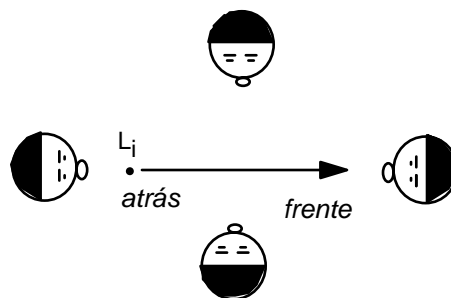


Figura 54

O início de *trás* coincide com L_i , ou seja, o Local inicial do movimento, e *frente* com o ponto mais avançado (o último ponto) realizado. Como é fácil constatar, e dado que o modelo só depende do vector [L_i Último ponto realizado], o ponto de vista de um qualquer LOC ou observador não altera as configurações que o modelo

estabelece. Podem existir múltiplos observadores, ou, sendo um, mudar de posição que a relação *trás/frente* permanece a mesma.

O movimento estruturador deste modelo não tem que ser obrigatoriamente físico; pode ser igualmente nocional ou intencional, comportando-se o modelo da mesma forma. Repare-se na situação representada pela figura 55 e nas frases a ela relativas (84)), pronunciadas na casa do João (que funciona, portanto, como L_i):

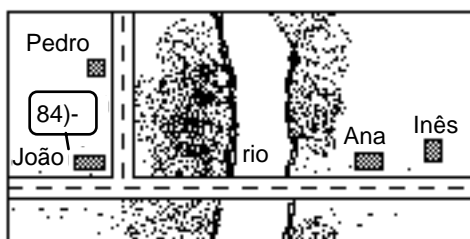


Figura 55

84) -A casa da Ana fica à frente do rio?

-Fica um pouco mais à frente.

-E a da Inês?

-Essa ainda fica mais à frente!

-E a do Pedro, é mais atrás ou mais à frente?

-A do Pedro fica noutra direcção.

As casas são localizadas *atrás* ou *à frente* relativamente à casa do João. Esta funciona como L_i de um movimento virtual, não realizado, traduzido por um vector com início em L_i (casa do João) e que se prolonga sempre na mesma direcção. Os pontos que ficam fora deste vector não podem fazer parte desta configuração espacial *atrás/ à frente*, nem podem ser situados relativamente a ela. Exigem um outro vector e, por conseguinte, uma outra configuração. Vê-se, assim, que não é apenas a distância em si que estrutura neste modelo as relações *atrás/ à frente*. Um ponto pode estar muito perto de L_i e não poder ser considerado, por se inserir num outro vector. É o que acontece, aqui, com a casa do Pedro que, embora ficando muito mais perto, não pode ser considerada *atrás* ou *à frente* das outras já que exige um outro movimento nocional/ intencional e, portanto, um outro vector, implicando assim uma outra configuração.

Este modelo, que se pode chamar **modelo do movimento** é, de certa forma, o inverso do modelo anterior, como se pode comprovar no seguinte esquema comparativo:

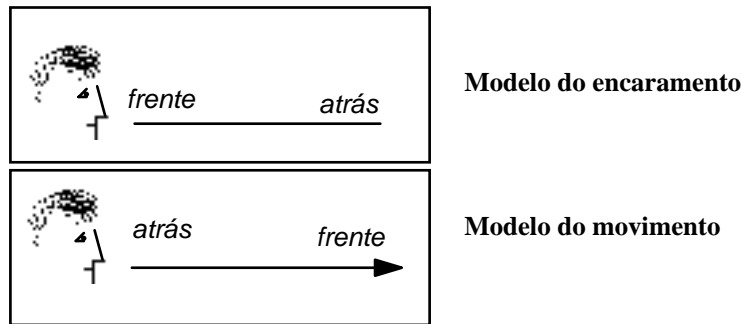


Figura 56

No modelo do encaramento, o espaço mais próximo do objecto que funciona como Configurante, melhor, do objecto que se situa na zona de actuação, correspondia a *à frente* e o espaço mais afastado correspondia a *atrás*. Neste último modelo acontece o inverso: o espaço mais próximo do local em que se encontra o Configurante corresponde a *atrás* e o espaço mais afastado corresponde a *à frente*.

Parece, assim, dever concluir-se que estes dois modelos pouco ou nada têm em comum, já que, no fundo, acabam por configurar de forma antitética o espaço.

Pura ilusão. Estes modelos têm muito em comum; melhor, têm quase tudo em comum, na medida em que tanto num como noutro o modelo subjacente é o modelo original prototípico.

No modelo do encaramento já demonstrámos os mecanismos que o ligam ao prototípico. E neste?

Muito simples, como não podia deixar de ser num sistema tão ergonómico como a língua é. Este último modelo não é mais do que o modelo original expandido por uma projecção. E é o movimento o elemento que desencadeia essa projecção.

Como o movimento típico do ser humano é realizado na direcção da sua frente, se se conceptualizar o espaço desse movimento como um todo, projectam-se nesse espaço as mesmas coordenadas que configuram o ser (prototipicamente) humano que o percorre (física ou intencionalmente). Ou seja: configura-se o espaço percorrido **da mesma forma** que é configurado o ser que o percorre. Simples e eficiente. E em vez de um modelo contraditório relativamente ao original, temos, no fundo, o mesmo modelo original numa outra perspectiva: agora assimilado ao espaço do movimento. A figura 57 sintetiza, em esquema, o processo:

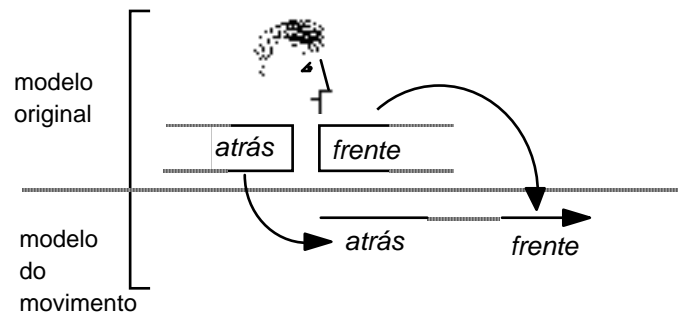
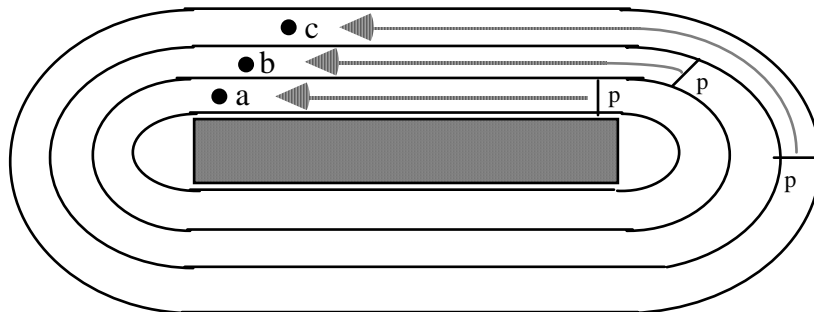


Figura 57

4.2.4. Movimento e antonímia configurativa

A aceitação de vários modelos que configuram uma mesma relação espacial (neste caso *frente/trás*) explica com bastante simplicidade aquilo que à primeira vista aparece como "contradição" ou ilogicidade nas equivalências entre uma língua A e uma outra língua B, ou até, dentro da mesma língua: a um mesmo objecto ou situação poder ser atribuída uma orientação espacial e simultaneamente uma outra inversa à primeira.

Para podermos, na prática, comprovar até que ponto o movimento interfere com os modelos de *frente/trás*, testámos, com 83 alunos⁽¹²⁾, a seguinte situação:



p= ponto de partida
a,b,c= posição dos atletas durante uma fase da corrida.

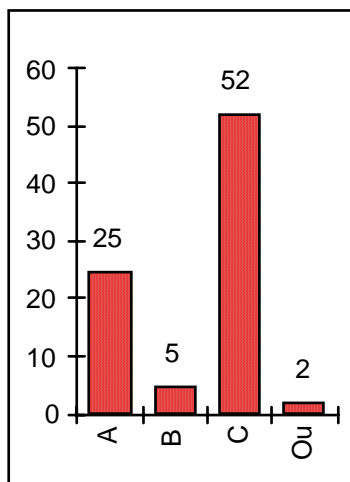
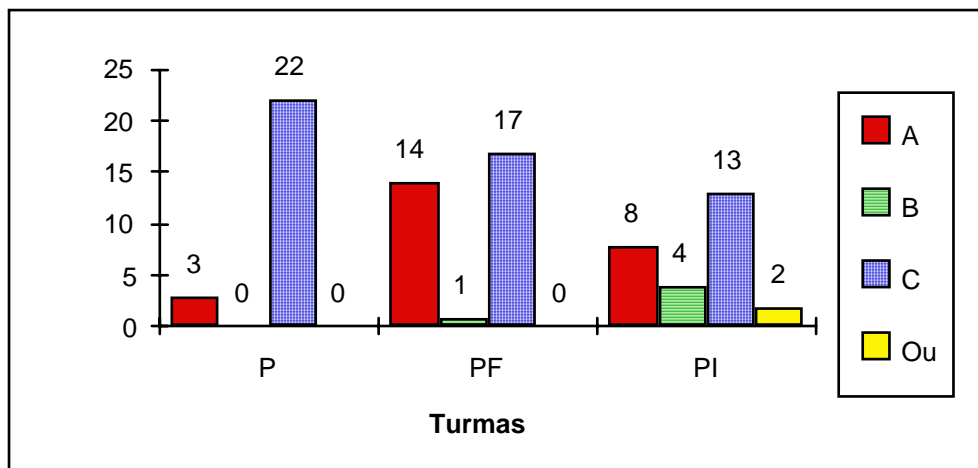
QUEM VAI À FRENTE?

As respostas foram as seguintes:

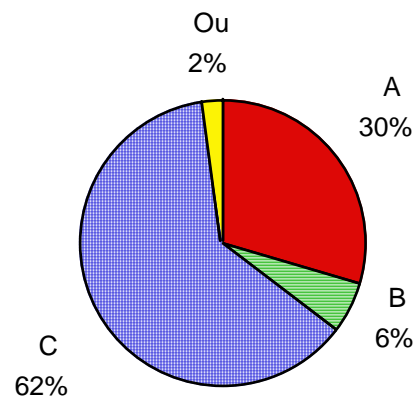
(12) Este inquérito foi apresentado a três turmas do primeiro ano (Português, Português-Francês e Português-Inglês) na Universidade do Minho em Abril/97, tendo cada turma realizado o teste separadamente. Antes de o esquema ser mostrado, pedimos aos alunos que não trocassem qualquer impressão antes da resposta que deveriam dar. Deveriam apenas escrever uma letra, sem demorarem muito tempo (apenas 4 ou 5 segundos) e tapando o papel da resposta com a mão para não influenciarem os vizinhos.

	P	PF	PI	TOTAL
A	2	14	8	24
B	0	1	4	5
C	22	17	13	52
Ou(tras)	0	0	2	2

Comparativamente:



Nº total de respostas



Percentagem de respostas

As conclusões a tirar são múltiplas e interessantes.

Em primeiro lugar, os resultados demonstram inequivocamente que a relação *frente/trás* não pode ser apenas explicada por um modelo mental, já que há dois grandes blocos de respostas coincidentes. Por outro lado, demonstram igualmente que para a maioria bem significativa dos falantes do português a noção de movimento interfere com a configuração do espaço que a língua realiza. Ou seja, há aqui duas hipóteses, correspondentes a dois modelos, de se definir o que é a *frente*. Se se optar

por um modelo estático, considerando que se está perante uma fase da corrida, como se estivéssemos a ver uma fotografia da corrida, então, o atleta {A} é quem está *na frente*. Repare-se que a posição relativa dos atletas corresponde à seguinte situação:



Figura 58

Devido a isto, compreende-se que esta configuração tenha obtido uma percentagem significativa de respostas. No entanto, para além do espaço estático, o falante pode conceptualizar os três atletas como inseridos num mesmo percurso que implica movimento. E como sabe a distância percorrida por cada um, pode traduzir a situação pelo modelo do movimento: neste modelo, quem percorreu mais espaço, a partir do mesmo ponto de partida, é que vai *à frente*. Como os pontos de partida foram diferentes, o falante projecta a totalidade do movimento num mesmo ponto de partida virtual e "vê" assim o atleta [C] à frente:

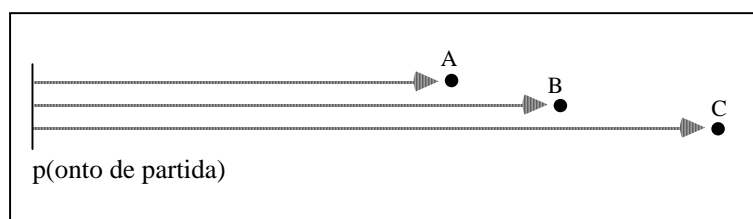


Figura 59

Não é argumento dizer que [C] é perspectivado à frente no sentido de estar mais perto do fim. Em primeiro lugar, porque a meta final não está marcada. E mesmo que se entenda a meta como coincidindo com o ponto de partida, a [A] e mesmo a [B] faltaria percorrer muito menos espaço. Se fosse essa a perspectiva, então, [A] e [B] estariam "à frente" de [C].

Esta conceptualização que faz interferir o movimento total (realizado e a realizar) na configuração do espaço prova que nós podemos configurá-lo não apenas fotograficamente (modelos estáticos—perspectiva adoptada por 30% que assinalou a opção {A}), mas também dinamicamente (mais de 60%).

Há duas respostas que não optaram por nenhuma das hipóteses. Uma diz "ninguém"; a outra, "vão os três ao mesmo tempo".

É bastante curiosa esta resposta, já que na sua aparente contradição ela confirma o que acabámos de dizer: a interferência do movimento nas relações espaciais. Dizer "ao mesmo tempo" equivale aqui a dizer "lado a lado". A única diferença entre esta resposta e as que optaram por {C} é que o seu autor calculou mal o espaço

percorrido, considerando-o equivalente. Considerou, portanto, que aquela situação equivalia a uma em que os atletas iam a par. E "traduziu" ir "lado a lado" por "ir ao mesmo tempo", já que na construção do modelo mental que representa a situação o espaço tem que ser "cruzado" com o movimento. Ora o tempo é o elemento que faz o respectivo cruzamento.

Por outro lado, esta mesma resposta confirma-nos como os falantes fazem a implicabilidade de espaço/tempo de uma forma automática (ver 7.4 e 7.5.4.): no movimento, referir o tempo pelo espaço que ele implica e vice-versa.

Muitas outras situações da vida real podem testemunhar da mesma forma a oposição entre modelos aplicáveis à mesma situação. Sirva de exemplo o seguinte diálogo, por nós presenciado na praia, na altura da maré baixa:

85) A - Olha como o mar já está lá para a frente...

B - Lá para a frente ou lá para trás?

A - É a mesma coisa.

A figura 60 ilustra esta situação em que se contrapõem dois modelos diferentes e contraditórios relativos ao eixo da frontalidade:

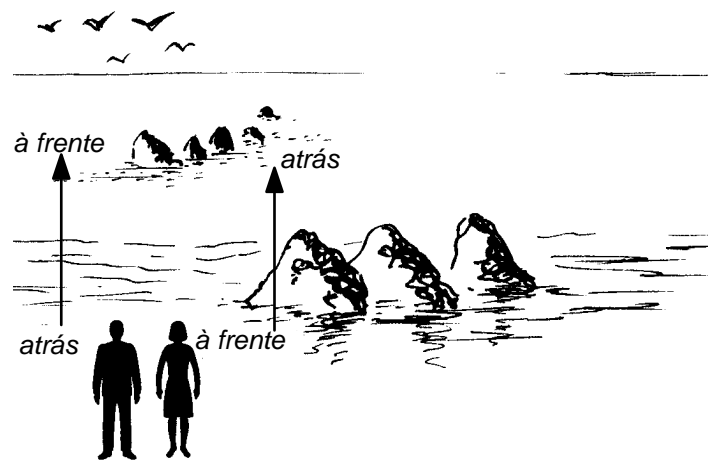


Figura 60

Não se pode dizer que {A} e {B} estejam a ver duas realidades diferentes ou mesmo que estejam a ver a mesma realidade mas de forma oposta. Na verdade, eles estão a ver **a mesma realidade da mesma forma**, aplicando contudo modelos mentais diferentes, neste caso, do eixo da frontalidade. {A} aplicou primeiro o modelo do movimento: "viu", assim, que o horizonte para o qual estava voltada era sempre *frente*. Pressupondo um movimento em que o mar se foi distanciando, indo até um pouco mais longe, traduziu a situação por "*o mar estava cá atrás e agora está lá à frente*". Ao inverso, {B} aplicou o modelo do encaramento, o modelo que faz da área de actuação de {B} a *frente*. Nesta perspectiva, o mar foi "fugindo" desta zona, recuando até ao eixo oposto, *atrás*. Por isso, ser possível traduzir a situação da forma (linguística)

aparentemente oposta a {A}: "o mar estava cá à frente e agora está lá atrás". Os falantes têm, no entanto, a intuição que formalizar linguisticamente de modo antonímico (considerando *atrás*/à frente um par do género) a situação, não implica estar a dizer ou estar a ver o oposto, mas tão-somente que são duas formas diferentes de dizer a mesma coisa. Mais correctamente, diremos, duas verbalizações antonímicas correspondentes a dois modelos diferentes mas que configuram a mesma realidade.

Para além destas configurações situacionais, pode ainda atentar-se em outras que podem ser consideradas mais "objectuais". Por exemplo, a relação *frente/trás* num livro.

Se o livro for conceptualizado como um objecto feito, estático, e não se tiver em atenção a escrita, a *frente* é a parte junto às primeiras páginas, e a parte de *trás* é constituída pelas últimas páginas, terminando na capa mais à direita (com o livro na posição de ser lido). Aplica-se, neste caso, para a configuração *frente/trás* o modelo que se baseia na orientação intrínseca dos objectos. O "rosto" do livro é a capa onde está o título, e as primeiras páginas a seguir são as páginas consideradas "da frente".

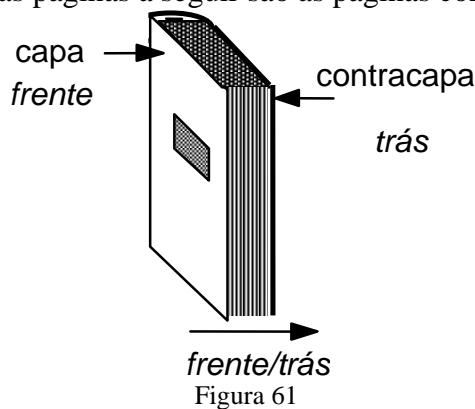


Figura 61

É por esta perspectiva que em português usualmente se interpretam frases como as seguintes:

- 86) Fotocopia o livro de trás para a frente.
- 87) A Joaquina rasgou o livro todo, começando por trás.
- 88) As primeiras folhas a descolarem foram as da frente.

No entanto, o livro considerado como um objecto composto pela linearidade da escrita já é visto, relativamente à espacialidade *frente/trás*, na perspectiva oposta: as primeiras páginas são as de *trás* e as de numeração mais alta as da *frente*. É evidente que se utiliza um modelo mental para configurar as relações *frente/trás* diferente do que se utiliza para o livro enquanto objecto. E esse modelo é, naturalmente, o modelo do movimento, suportado pela linearidade espaço-temporal da escrita.

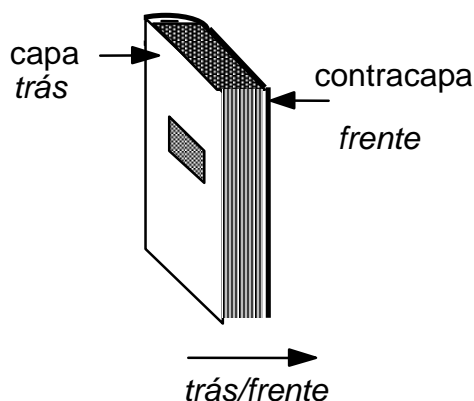


Figura 62

A relação da progressão é, agora, inversa da anterior. E é esta conceptualização que enforma frases como

89) Já analisei isso atrás, mas bastante mais à frente, quase no fim, voltarei ao assunto.

90) Os primeiros capítulos d'*Os Maias* são uma seca! Os da frente são mais interessantes.

Se um livro (jornal, revista) pode ser inserido nestes dois modelos, teoricamente uma palavra também o pode ser. O português (pelo menos o europeu) no entanto, apenas admite um: a palavra é sempre inserida na perspectivada dinâmica do modelo do movimento:

Ao contrário do que acontece no caso do falante do P(ortuguês) E(uropeu), um francês, um espanhol, um inglês, um alemão ou um polaco atribui a parte *frente* da palavra ao seu lado esquerdo, e conseqüentemente, a parte *trás* ao seu lado direito, fazendo coincidir, por um lado *antes*, à *esquerda* e à *frente* e, por outro, *depois* à *direita* e *atrás*. O modelo adoptado já não é, aqui, temporal e dinâmico, como no caso do PE, mas, pelo contrário, estático e espacial.

Consideramos, assim, que para o falante não-nativo do PE, o texto não está em curso para além do processo pontual da escrita; uma vez terminado, funciona como um produto concluído que deixa de ter características dinâmicas e funciona, apenas, como um corpo estático. Por conseguinte, a sua 'frente' (ou 'cabeça') não está virada no mesmo sentido em que prosseguia a 'deslocação' do texto, já que, segundo esta 'lógica', a 'deslocação' já deixou de existir. O texto, sendo um produto acabado, tende a adquirir a 'cabeça' (ou a 'frente') no lugar em que a própria escrita se iniciou cronologicamente, isto é, na primeira letra da palavra, relacionando, assim, a *frente* com a anterioridade. (Batoréo 1994:52-53)

Esta diferenciação parece provar que destes dois modelos mentais, o do português europeu privilegia o dinamismo e o movimento. Mesmo quando o texto é um

produto acabado, ele mantém esta mesma faceta, ao contrário do que acontece no modelo mental oposto.⁽¹³⁾

4.2.5. Implicações semânticas da estruturação dos modelos da frontalidade

Chegados aqui, seria interessante saber responder à questão: na configuração *frente/trás* há só um modelo que se pode subdesenvolver noutros, rearranjando-se conforme as configurações pretendidas para as diferentes situações, ou há vários modelos mesmo distintos?

Desde já, há que apontar uma constatação: aquilo que define *frente* não varia muito. Pode ser sistematizado em três itens:

- 1) Contiguidade frontal (nos modelos original, de orientação em espelho e no de encaramento);
- 2) Visibilidade (no modelo assim designado);
- 3) Ponto mais avançado do movimento (no modelo do movimento).

Cada um destes três pontos é que pode ser analisado num conjunto composto por "traços de família" de maior ou menor prototipicidade:

1) Contiguidade frontal:

- espaço frontalmente contíguo aos olhos.
- espaço frontalmente contíguo à direcção dos pés.
- espaço frontalmente contíguo à boca.
- espaço frontalmente contíguo à zona de actuação.
- espaço frontalmente contíguo ao nariz.
- espaço frontalmente contíguo à testa.
- espaço frontalmente contíguo ao peito.
- ...

Não é necessário estarem todos os traços; se, por exemplo, o nariz estiver na nuca, a *frente* não muda por causa disso, embora não seja uma frontalidade prototípica.⁽¹⁴⁾

Podemos dizer que os três vectores essenciais que configuram os vários modelos de *frente* estão profundamente imbricados, decorrendo de um primeiro,

⁽¹³⁾ Vejam-se dois exemplos explícitos sobre as diferenças destes dois modelos que Batoréo 1994 indica: "Dans les ouvrages philologiques l'astérisque placé devant un mot indique qu'il s'agit d'une forme supposée: Accueillir. Lat. po. *accoligere" (Maurice Grevisse, *Le Bon Usage. Grammaire Française avec des Remarques sur la Langue Française d'Aujourd'hui, 11ème ed., 1980, p. 1425.*) "If you write something in front of a particular word, you write it to the left of that word".(*English Language Collins Cobuild Dictionary, 1987, entrada FRONT.*)

⁽¹⁴⁾ Sobre a importância dos vários elementos corpóreos constitutivos da noção de *frente*, ver 4.2.2.1.

original: **contiguidade frontal da face**. Na verdade, o visionamento (que permite captar a **visibilidade**) é uma das características da frontalidade da face; e o **ponto mais avançado do movimento em situação prototípica** coincide com a frontalidade da face do objecto que se move (figura 63):

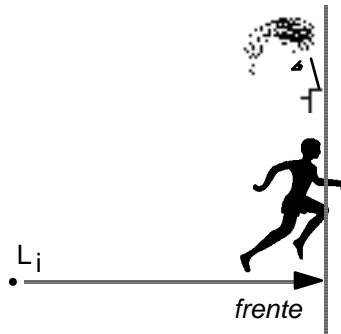


Figura 63

Deduz-se, por conseguinte, que há uma certa estabilidade entre os vários modelos, no sentido de que entre eles não existem rupturas nucleares, sendo cada um resultante da focalização de determinado aspecto do modelo original prototípico baseado na contiguidade frontal da face.

Por outro lado, e isso também é indesmentível, a focalização de um ou outro aspecto do modelo original leva a que uma mesma configuração espacial possa ser apresentada de uma forma determinada ou da forma inversa: recorde-se que na situação tomada como exemplo, era possível dizer (para o LOC):

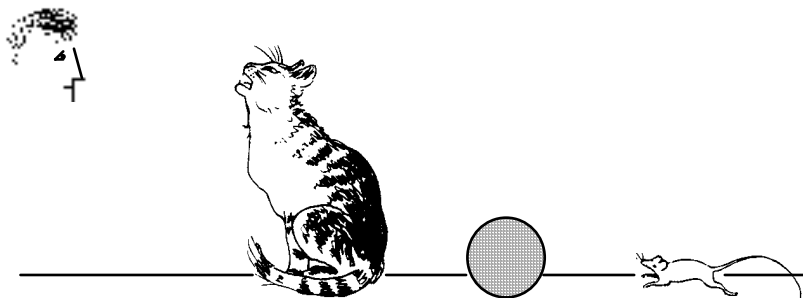


Figura 64

52) O rato está **à frente** da bola.

54) O rato está **atrás** da bola.

É inquestionável que se estas duas configurações podem ser aceites como retratando a mesma situação real, é porque decorrem de perspectivas ou modelos diferentes.

Pensamos, por todos estes factos, que se é lícito falar de uma certa unidade entre os vários modelos em que se estrutura o vector da frontalidade *frente/trás*, não será menos lícito entender esta unidade não no sentido das Teorias das CNS, mas antes

numa organização do tipo das baseadas em traços de "semelhanças de família": ou seja, podem existir traços opostos entre os vários modelos e simultaneamente traços partilhados em virtude de uma origem comum.

Parece ser o que na realidade acontece. E assim será adequado falar em vários modelos-irmãos, filhos de um pai (ou mãe) comum. Mais do que tentar reduzir todos os modelos apresentados a um único, parece-nos mais racional entendê-los como realmente semântico-pragmaticamente divergentes, distintos mas simultaneamente relacionados.

Os modelos que apresentámos procuram demonstrar que a variedade de possibilidades que possuem não invalida a existência de um tronco cognitivo comum. De qualquer forma, pensamos ser lícito falar globalmente em duas grandes vertentes: os modelos estáticos (original, orientação em espelho, visibilidade e encaramento) e o dinâmico (modelo do movimento). Neste, introduzindo-se o factor tempo, introduzem-se outras implicações configurativas, como noutra parte analisaremos.⁽¹⁵⁾

O relacionamento que existe entre estes (sub)modelos não é apenas diacrónico. É que para a língua, enquanto sistema comunicativo-cognitivo, o que é diacrónico, *era*, mas já não é—já não existe. E na língua sincronicamente funcional (para usar uma expressão que pensamos ainda dotada de validade) estes vários modelos mantêm ligações reconhecidas intuitivamente pelos falantes. A "independência" entre os referidos modelos tem de ser vista como uma "independência dependente" dos traços que compõem o modelo prototípico.

A conclusão mais global (e para nós, por isso, mais importante) a reter vem, de algum modo, perspectivar em moldes diferentes a forma como habitualmente são encarados os marcadores do vector da frontalidade, à semelhança dos restantes configuradores espaciais. A cada um é atribuído um "significado" dotado de semas nucleares e obrigatórios (para a teoria das CNS) ou composto por um conjunto de traços organizados em "semelhanças de família". Mas de qualquer forma, cada elemento configurador espacial é visto como tendo **um** significado que pode oscilar mais ou menos conforme os chamados contextos.

A análise proposta e que, pensamos, se apresenta muito mais conforme à realidade prova-nos que o mesmo vector da espacialidade, neste caso, o da frontalidade, pode ser configurado através de vários modelos, cada um assente num esquema mental ligado sempre, de certa forma, ao modelo central, original ou prototípico.

Dizer que *frente/trás* se baseia num grupo de traços, mesmo que entendidos como não necessários um a um, como a direcção frontal, a direcção do olhar, o sentido do movimento, a direcção de nutrição, etc. (como faz Vandeloise 1986:108) não é dizer

(15) Ver, a este propósito, o capítulo 7. *O espaço do tempo*, sobre as relações entre *antes/depois* e a anterioridade e posteridade temporal.

muito. Fica-se com a impressão de que há um número indeterminado de traços, formando essencialmente um conjunto indefinido e que esses traços se distribuem uniformemente pelas várias configurações espaciais da frontalidade. Ora o que a proposta de análise que se apresentou defende é que esses traços não podem ser todos englobados num conjunto, mas que de entre eles uns participam num modelo, e outros compõem outros modelos diferentes. Cada um destes sub-modelos da frontalidade é baseado num ou em muito poucos traços; podem, os vários sub-modelos, focar perspectivas opostas de configurações espaciais, assim se explicando que permitam, para a mesma situação, frases que podem conter quer o sentido positivo (*frente*) quer o negativo (*trás*) do mesmo eixo da frontalidade.